

# Scriptura 1

## As formações do inconsciente e a formação do psicanalista

Círculo de estudo e investigação "as formações do psicanalista"

*Association lacanienne internationale*

Organização: *Escola de Estudos Psicanalíticos*

Outubro 2005  
Caxias do Sul - Brasil

Conselho editorial  
Conceição Beltrão Fleig  
Izabel Joana Dal Pont  
Letícia Patriota da Fonsêca  
Margareth Kuhn Martta  
Mario Fleig

Comissão de publicações  
Conceição Beltrão Fleig  
Fabiana K. Witzler Diaz  
Giselle Dalsochio Montemezzo  
Izabel Joana Dal Pont

Traduções  
Conceição Beltrão Fleig  
Soely de Medeiros Waltrick

Revisão técnica  
Izabel Joana Dal Pont  
Mario Fleig

Revisão final  
Fabiana K. Witzler Diaz  
Giselle Dalsochio Montemezzo

Revisão de língua portuguesa  
Isabete Polidoro de Lima

Editoração  
Caio Beltrão Schasiépen

## Editorial

Com Scriptura 1, iniciamos o projeto de publicações do Círculo de estudo e investigação “as formações do psicanalista”. Consideramos oportuno dizer algumas palavras a respeito dessa forma de trabalho na Association lacanienne internationale e da proposta desse círculo em particular.

AALI propõe, como uma das maneiras de trabalho, dentre outras, os “Círculos de estudo e investigação”, lugares de estudo e aprofundamento de questões que interpelam os psicanalistas. Essas questões tanto podem ser novas, oriundas de sintomas e consequência do discurso que organiza o momento histórico em que vivemos, como questões clínicas e teóricas que ainda não foram suficientemente estudadas e mereçam ser retomadas. A criação, a organização e a sustentação dessa forma de trabalho dependem unicamente do desejo de um ou mais psicanalistas da ALI, respeitando a abertura para outros analistas e analistas em formação, funcionando em um registro que permita enlaçar os participantes em trocas regionais e internacionais, com trabalho em forma de cartéis, grupos de leitura, organização de colóquios e publicações.

Esse Círculo de estudo e investigação, que traz à luz sua primeira publicação, dedica-se, como bem diz sua denominação, à temática da formação do psicanalista na perspectiva indicada por Lacan de que não há formação do analista, mas apenas formações do inconsciente. Então, indagamos se o analista é uma formação do inconsciente e no que as formações do inconsciente determinam que existam psicanalistas. Abordamos também a questão não menos importante: como se dá a transmissão dessa prática?

Através dessas indagações, buscamos precisar o enunciado de Lacan a respeito do fim de uma análise e a produção de um analista, assim como discutir em que medida a noção de grande Outro permite avançar naquilo que seja a autorização do psicanalista e o lugar da instituição.

O caminho proposto é buscar na obra de Freud, no ensino de Lacan e em sua recepção, o que eles podem nos ensinar sobre o discurso psicanalítico e os modos de sua operação e transmissão.

A escolha dos textos para Scriptura 1 recai sobre aqueles que, sem dúvida nenhuma, instigam a discussão e a reflexão sobre a formação e as formações.

Pensamos que, neste editorial, não caberia apresentar os textos que seguem, pois o que poderíamos dizer a título de introdução correria o risco de ficar bastante aquém daquilo que cada leitor possa vir a trabalhar com os mesmos. Lembramos ainda que, conforme a vocação que o funda, este Círculo de estudo e investigação está aberto para acolher outras propostas de discussão e de trabalho.



# A clínica e a resolução da transferência<sup>1</sup>

Charles Melman

<sup>1</sup> Publicado em  
Act. Méd. Int. –  
Psychiatrie (21)  
n. 8, out., 2004,  
p. 209-13.

É um assunto evidente e ao mesmo tempo de mérito, para que nos deixemos facilmente cegar pelo que nos parece ser a evidência e a simplicidade. Falamos da transferência como se fosse um dado natural que vai por si só. Dizemos: “É a transferência, tem transferência, é por causa da transferência, é a neurose de transferência.” Mas essa manifestação merece de nossa parte um pouco de cautela e um tanto de espanto. É preciso começar sempre pela surpresa. Apesar de tudo é uma manifestação absolutamente mágica. O que fazemos com essa mágica? Qual é nossa atitude, supostamente racionalista, supostamente não querendo ceder às manipulações que são justamente autorizadas pela transferência? O que somos capazes de dizer que responda à nossa surpresa e que também permita sair disso? É preciso lembrar que Freud utiliza a palavra *Übertragung* para dar conta de sua surpresa ao constatar que os pacientes que ele escuta manifestam rapidamente um conjunto de sentimentos complexos a seu respeito, no qual parecem dominar o amor e a reivindicação de amor, e que a expressão dessa manifestação tomará a dianteira ou não sobre os sintomas. A relação analítica produzirá um novo sintoma, inesperado, que prevalecerá sobre os outros, tendo suas próprias exigências, sintoma ao qual Freud dará o nome de “neurose de transferência”.

O paciente viera para a análise por uma fobia, uma histeria, uma neurose obsessiva, uma perversão; agora, uma neurose de transferência vem ocupar o primeiro plano, e é ela que vai ser preciso tratar! *Übertragung* quer dizer “deslocamento”. Aliás, é um termo que Freud também utiliza para dar conta dos diversos mecanismos de defesa, dos quais faz parte o deslocamento. Então, chama essa manifestação de *Übertragung* – que traduzimos por “transferência” – a partir da hipótese de que a relação analítica atualiza afetos que datam da infância e que reproduzem, a respeito do terapeuta, um conjunto de sentimentos que uma vez foram aqueles da criança em relação às autoridades parentais e educativas que a cercavam. Assim como os sintomas representam o que há de infantil em cada um de nós, diz Freud, o que foi reprimido da sexualidade na criança, porque era uma criança, e cujas erupções saturam sua vida adulta, a transferência vem dar conta dos afetos reprimidos pela criança em relação a essas autoridades, a essas figuras parentais. Trata-se, então, para o analisante, de apreender que são erupções ligadas à sua dependência infantil e que cabe a ele, se assim o deseja, livrar-se disso. Assim, Freud localiza nas figuras, que são visadas pela transferência, as figuras do pai, da mãe, de uma irmã mais velha, de um educador, etc., que na infância puderam ser os suportes de expressões amorosas.

O objetivo da terapia é então, para Freud, servir-se do dinamismo em andamento, atualizado pela neurose de transferência, a fim de liquidar o que restaria de infantil em cada um de nós; e Freud terá expressões que poderão nos parecer surpreendentes como: “o inconsciente é o que há de infantil em cada um de nós”. Não é apenas “o que há de ruim”. Encontramos na análise do “Homem dos ratos” que o inconsciente é o ruim em nós, mas é também o que há de infantil.

É interessante constatar que nas análises que Freud traz ao nosso conhecimento nas Cinco psicanálises (deixando de fora aquela de Schreber, a quem ele não tratou), não temos o sentimento de que a análise levou esses pacientes a uma liquidação (bem esquisito o termo escolhido para a tradução francesa de *Auflösung*), a uma resolução, a um final feliz da transferência. Dora parou seu tratamento em uma manifestação de violência e de rejeição. Para o “pequeno Hans”, cuja relação com Freud foi muito breve, uma vez que se limitou a um só encontro, não temos o sentimento de que ele tenha se livrado do que era, em seus pais, uma relação transferencial com a psicanálise. O problema do “pequeno

Hans" era que seus pais estavam em análise com Freud, e ele ouvia falar disso durante todo o dia. "O homem dos lobos" ficou mais em uma posição vindicativa, e até reivindicativa, senão paranóica, em relação a Freud. Ele se serviu disso para suprir suas necessidades no fim de sua vida, vendendo o desenho de seu célebre fantasma, de seu famoso sonho dos lobos e pela exploração das lembranças de sua análise. O único, finalmente, que parecia ter se saído melhor dessa transferência seria o "Homem dos ratos", ainda que isso seja discutível.

Por outro lado, se considerarmos, na história do movimento psicanalítico, o que aconteceu em torno de Freud, esse tipo de paixão furiosa que parece ter animado seus alunos em relação a ele, que tenha sido uma paixão amorosa ou uma paixão destruidora, não temos, aí também, o sentimento que a coisa tenha se resolvido facilmente. Essa magia que a situação analítica provoca, quer dizer, esta corrente libidinal suscetível de se tornar prevalente sobre o restante das relações afetivas, familiares, parentais ou outras, pode se tornar a relação afetiva maior para um analisante durante uma parte importante de sua vida.

Atualmente, na evolução do movimento analítico, tem-se ainda e com frequência o sentimento de que é a transferência que comanda as reações dos alunos em relação a seu mestre. Apresento a questão sob esse aspecto, que parece mais simples, para salientar que temos o direito de ficar com a interrogação tanto face ao que concerne à gênese desse surpreendente caso quanto face aos impasses práticos de sua resolução. É nesse contexto que chama a atenção o trabalho de Lacan sobre a transferência. Além de um trabalho feito por um analista de minha geração, M. Neyraut, e dos trabalhos de Lacan sobre essa questão, hoje ficamos atrapalhados frente a este enigma. Com efeito, como somos feitos e de que somos feitos para que a produção experimental de um tal sintoma seja possível e tão à vontade? A elaboração proposta por Lacan se destaca radicalmente daquela introduzida por Freud na medida em que faz das figuras parentais, eventualmente instaladas na relação analítica, defesas contra o caráter perfeitamente enigmático da instância a qual essa expressão amorosa ou odiosa se endereça. Dito de outra maneira, aquele que se engaja no protocolo analítico não sabe a quem se endereça. É por isso que a técnica analítica adquire aí seu valor ao colocar o analista em uma posição lateral face ao analisante, dissimulada no que lhe concerne.

Aquele que fala não sabe a quem se endereça, e é face à angústia de não saber o que é esperado dele em sua fala que ele se entrincheira colocando, no lugar de seu endereçamento, instâncias parentais conhecidas que vêm balizar seus votos, seus desejos, suas demandas, suas reprimendas, etc. O que constitui para Lacan o ponto alto, o pivô do que poderá ser a atitude do psicanalista, para tentar permitir uma elaboração feliz dessa transferência, é que o analisante não sabe a quem ele se endereça, nem o que ele quer, nem o que se quer dele, nem o que se espera dele. O protocolo analítico tem essa absoluta originalidade de romper com os constrangimentos pré-formados, comuns, próprios a todo endereço. Eu me endereço a vocês, imagino o que vocês esperam, o que vocês são.

A partir disso, instala-se aquilo que creio poder dizer-lhes. A situação é simples. Se faço uma oração, sei a quem me endereço. Se começo um pedido, sei a quem peço e, em geral, o que peço. Se o que me ocorre é uma expressão amorosa, sei muito bem qual é a figura amorosa que é seu suporte. A situação analítica vem dissolver todos esses esquemas pré-formados que de vez sustentam, dão suas molduras à expressão de minha fala para abrir essa surpreendente e inesperada questão: "O que eu quero, o que querem de mim?" Com efeito, para saber o que quero, já seria preciso saber o que querem de mim.

É nesse dispositivo que Lacan situa o endereçamento do analisante na direção do que ele chama "o grande Outro". Por que chamou assim? A primeira razão é que não posso encontrar aí nada que forme uma identidade comigo mesmo, contrariamente às figuras parentais, das quais posso me proteger, e que Freud evocava. Era muito cômodo, pois, com as figuras parentais é uma relação de filiação, e então de identificação, que vem ordenar a fala. Mas, se é ao Outro que se endereça meu propósito, nenhuma figura, nenhuma instância dá suporte ao que seria para mim a identificação e a orientação de meus votos. É por isso que uma análise pode perfeitamente se desenrolar nos avatares

que poderia tomar minha fala, empenhada em tentativas de sedução desse Outro que não conheço, onde não encontro nada que, comigo, faça identidade, e a placidez habitual do analista a cada vez só pode desapontar essas tentativas.

Atualmente, uma grande questão está na ordem do dia: aquela da relação entre a psicanálise e a psicoterapia. A psicanálise não é em nada uma psicoterapia, pois a relação psicoterápica se estabelece na relação do psicoterapeuta com o paciente no quadro do que é bem-explicitamente um objetivo, aquele da sedação de tal ou tal sintoma. Desde então, o propósito é estritamente delimitado pelo enquadramento evidente do que é visado, pelo objetivo. Evidentemente, essa relação só toma força se for suscitada por uma transferência, e essa transferência pode ser o suporte, por efeito da sugestão, das ações benéficas da psicoterapia. Mas, em todo caso, simplesmente ao lembrar essa característica bem-específica da transferência, vemos imediatamente que esta não tem nada a ver com uma psicoterapia. É outra coisa. Que outra coisa? Com efeito, depois de tudo isso, aquele que veio procurar o psicanalista o fez pelos sintomas. Qual é essa outra coisa que o analista poderia lhe propor, lhe fazer vislumbrar, e que deverá ser verificado e aprovado por uma sedação do sintoma (pois, senão, não se vê o interesse nem a validade da experiência)?

Aqueles que pretendem que a psicanálise não cura se apóiam sobre o fato de que Lacan disse que “a cura poderia vir por acréscimo”. Mas se a psicanálise não tem inicialmente uma vocação terapêutica, ela não é nada mais que um puro exercício de estimulação mental do qual não haveria nada de especial a esperar. É bem-evidente que a psicanálise tem por vocação, em Freud assim como em Lacan, tratar os sintomas. O problema (eu o evoco a respeito da transferência, pois é um problema essencial) é que o sintoma neurótico é constituído por uma defesa contra o desejo e como uma defesa contra a castração, pois esse é o preço a pagar para uma instalação do desejo.

Lacan se distingue de Freud ao situar no próprio desejo o sintoma maior, na medida em que é um desejo destinado, quer seja sintomático ou não, a não ficar bem satisfeito. É o que exprime Lacan em sua fórmula escandalosa e que, para muitos, parece completamente enigmática: “Não há relação sexual”. Dito de outra maneira, nossa vida sexual é organizada, tanto para o homem como para a mulher, pela relação a um objeto que não é o mesmo para ambos os sexos, o que faz com que eles não possam se encontrar, que se cruzem sem se encontrar, pois cada um é organizado pela busca de um objeto diferente e que não concerne especificamente nem à pessoa do parceiro nem mesmo ao seu corpo. Há então um divórcio interno do próprio “conjugo” que dá conta dessa profunda insatisfação do animal humano. É o único no reino animal. Os outros parecem ter uma relação perfeitamente tranqüila com seu meio, sem crise nem cuidado. Então, ainda existe aí essa diferença entre Freud e Lacan: para Freud, o sintoma está ligado à repressão do desejo, ao passo que, para Lacan, o sintoma certamente está ligado ao recalçamento, à denegação, à anulação, ao deslocamento, etc., mas o próprio desejo é constituído, montado como um sintoma, uma vez que organizado por essa insatisfação.

Então, que progresso poderia haver aí entre a sedação dos sintomas e o fato de desembocar nesse sintoma geral e comum? A diferença é que, no primeiro caso, o real instalado não é aquele que a estrutura permite situar no que seria seu verdadeiro lugar. O que uma neurose organiza é o que Lacan simboliza ao dizer: “Falsos buracos, falsas impossibilidades, impotências, inibições, impedimentos, falsos obstáculos, falsas proibições”. O que uma análise deveria permitir é o levantamento, o apagamento dos falsos buracos, das falsas bordas, dos falsos obstáculos. De maneira geral, esse tipo de obstáculo representa a impossibilidade da relação sexual e, então, a partir daí, não o engajamento em um estoicismo resignado, mas a interrogação que Lacan desenvolveu: “Será que podemos sair disso? Será que é uma fatalidade? Ou, então, é um tipo de montagem que permite outra coisa?” Tudo isso tem uma enorme relação com a transferência, pois a transferência leva inevitavelmente a supor a existência, no campo do Outro, desse lugar enigmático ao qual se endereça minha fala em análise, de uma instância – uma – que se torna o suporte dessas expressões afetivas, libidinais, e das quais Lacan dirá, por uma conceitualização bem original e problemática: “É o sujeito suposto ao saber.” O lugar enigmático ao qual me endereço é, entretanto, suposto ser depositário de um saber. É um

avanço em relação a Freud; um avanço, um acréscimo ou uma diferença – pouco importa – radical. Há no Outro do saber, e esse saber é sustentado por uma instância, um sujeito suposto. Lacan tem duas formulações que tornam o problema um pouco confuso: diz tanto o sujeito suposto saber, quanto o sujeito suposto ao saber, o que não se recobre perfeitamente.

O analista não tem nenhuma necessidade de dar provas de qualquer saber para se encontrar investido dessa qualidade, e eu diria mesmo que quanto menos ele diz e quanto menos se arrisca no campo do saber, mais ele tem a possibilidade de ser tomado por essa indexação, essa boa vontade do analisante persuadido que o analista tem sobre ele o verdadeiro, o bom saber – um saber e uma instância. Essa suposição que ele tem, nesse lugar Outro ao qual eu me endereço, um saber sobre minha pessoa, qualquer um que sabe o que eu mesmo não sei e que então tentarei decifrar, descobrir, só pode vir, diz Lacan, disto: há em cada um de nós um saber inconsciente que regula nossas condutas, nossas falas, nossas determinações, e sobretudo ordena nosso gozo. É evidente que, na maioria de meus atos e de meus propósitos, estou em piloto automático, sou guiado por um saber que me habita e que faz isso por mim.

E um dos grandes problemas do ensino, problema tradicional de todas as atividades educativas é saber se é possível ou não influenciar esse saber depositado em cada um de nós. É, por exemplo, o que se passa com as crianças talentosas. Não se sabe de onde isso lhes vêm. Elas têm um saber. A música é freqüentemente o domínio onde isso se exprime mais cedo e da maneira mais clara e mais notável. E todo o problema do ensino está em encontrar o mestre que não virá desperdiçar e contrariar esse saber que está na criança, mas que tentará exaltar, formar ou instruir. É interessante que esse saber que me habita, mas que não conheço, que me é inconsciente e que compõe minha sabedoria ou minha loucura, ou sem dúvida os dois ao mesmo tempo, seja outro de mim mesmo. É meu Outro, e é sem dúvida a definição mais simples que se pode dar do inconsciente. E esse Outro, eu não sei muito bem o que ele quer de mim. Ele me leva a fazer isso, aquilo, e todos conhecemos na clínica esse tipo de situação patológica onde a divisão é facilmente apreendida entre a consciência euóica e o que o inconsciente pode levar a fazer. É muito freqüente, em particular quando se trata de um inconsciente perversamente orientado, e que toda a personalidade moral do interessado se erija e se revolta contra esse Outro que o habita e o comanda, não importa o que pense ou o que possa fazer.

O que parece surpreendente é que nessa prova experimental instalada pela psicanálise, por esse endereçamento da fala se isola um lugar Outro enigmático, de maneira ectópica, o que é o próprio interior do analisante sob a forma de um Outro que sabe tudo sobre ele, sobre seu gozo, que guia seu gozo, sendo a condição do gozo que esse Outro o guie, porque, se ele está consciente e vigilante durante seu gozo, isso não acontece. É preciso que seja esse Outro que se encarregue disso, que se ocupe disso.

O passo seguinte é supor um sujeito a esse saber. Lacan diz um sujeito, eu digo uma instância, não é a mesma coisa, ainda que, na evolução de um tratamento, se possa ver a hesitação, a oscilação. Uma instância, uma figura se sustenta de uma presença-uma. Há alguém no Outro, há alguém que comanda e que sabe. E nesse exemplo, não se está longe da paranóia, na expressão desses movimentos afetivos próprios da transferência. Há alguém aí que sabe e que me comanda apesar de mim mesmo. Freud encontrou essa formulação bastante feliz da psicanálise, como uma paranóia dirigida, ao dizer: “Eu tive sucesso aí onde o paranoíco fracassa”. Como teve sucesso? Eis aí, é a diferença entre dizer que existe aí alguém que sabe e dizer que existe “um” sujeito suposto ao saber. O sujeito não se sustenta por um “Um”, por uma instância, o sujeito se sustenta por uma pura falha, por uma pura ausência (o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo). E não é absolutamente a mesma coisa se sustentar de um “UM”, de uma instância “Uma”, de um ser “Um” e supor que o que está no Outro seja uma pura falha. O analisante estando à altura de viver sua própria existência como o que vem des-completar o saber do Outro, um movimento que não é excepcional nele é o sentimento de que tem que reparar a des-completude que sua existência acarreta no Outro quanto ao saber e que tem de fazê-lo saber o que lhe falta.



Estamos a cada vez em posições que se invertem. É como na garrafa de Klein, onde isto se interpenetra e onde isso se inverte. Acreditamos apreender a questão e vemos que isso se inverte. É por isso que Lacan dizia, e estava aí um dos grandes traços de sua técnica: “O saber está no analisante.” Ele não apenas o dizia, mas era apenas excepcionalmente que, em sua conduta no tratamento, se colocasse na posição, frente a seu paciente, daquele que sabe, do sábio. Isso lhe acontecia, mas era muito raro. O mais freqüente era estar na escuta e, enquanto analista, tentar ajudar o analisante a decifrar esse saber. No extremo, Lacan estava em posição de aprendizagem.

O problema desemboca na questão da resolução da transferência e sobre a razão pela qual seria preciso que se constituísse em uma conclusão feliz. Por que, depois de tudo, não poderíamos confirmar o fato, em cada um de nós, de um saber inconsciente que nos guia, de um sujeito suposto a esse saber, e que é o que ordena seu gozo? Por que não ficarmos por aí? Enquanto é suposto ter no Outro uma instância diretora do saber, essa instância é homogênea à idéia de que o gozo só é possível ao preço de um sacrifício, de uma renúncia, que é precisamente o que faz com que a realização de dito desejo seja um fracasso. Dito de outro modo, a presença dessa instância é o que comanda a idéia de que o sintoma é a condição da realização do desejo, que, então, o desejo está votado a só poder repetir seus fracassos sucessivos e que o mal-estar ou o mal-ser é nossa sorte, nosso destino.

É o que orienta de maneira inesperada a conceitualização lacaniana, com o que veio à luz a respeito do procedimento do “passe” (outubro 1967). Esse procedimento do “passe” provocou uma enorme emoção nos seus alunos e a partida de um certo número deles. De certa maneira, podemos compreendê-lo, porque, se aceitamos a teorização de Lacan, as conseqüências são efetivamente importantes: Lacan vai sustentar, com a escrita da fórmula do fantasma e com o procedimento do “passe”, que, aí onde eu acreditava que houvesse no Outro uma instância ou um sujeito, como suporte desse saber, só há em realidade um puro objeto, o objeto a.

Na história da reflexão filosófica, religiosa, psicológica, nunca alguém introduziu teses tão racionalistas e evidentemente suscetíveis de dar ao que ele chama os “fala-ser” possibilidades de alerta. É evidente que, por nossas condutas, nossos hábitos e pelo que nossos fantasmas instalam, fazemos sempre as mesmas coisas, dizemos sempre as mesmas coisas, repetimos as mesmas situações. É raro que nosso olho esteja aberto para o que seria um acontecimento ou mesmo que acontecimentos venham marcar nossa vida. Habitualmente, no melhor dos casos, estamos gentilmente plácidos e tomados em nossos hábitos. Nessa problemática que Lacan introduz, a respeito da transferência e de sua resolução, há alguma coisa de absolutamente deflagrante. É por isso que era previsível o desacordo com um certo número de seus alunos. Eram fogos de artifício perfeitamente legítimos, pois introduzir isso torna-os brusca e singularmente responsáveis, pois estamos habitualmente em piloto automático.

Eu não evocaria a seqüência coletiva da problemática, o que se tornou “o passe” na École freudienne de Paris e tudo o que pôde renovar quanto à loucura das paixões coletivas, etc., compreendido aí o que Lacan dissera sobre o fracasso de sua tentativa: tudo isso não é fundamental. O que é interessante é de que maneira essa experiência que ele traz nos concerne ou não nos concerne. O que é interessante é saber se queremos ou se não queremos isso, se somos capazes de testemunhar que não é isso, que ele pode ter se enganado, que é outra coisa. É essa nossa verdadeira questão. Manifestamente sua própria vida foi colocada à prova por este trabalho. Não houve pessoa mais homogênea com aquilo que ensinava do que o próprio Lacan. Nele não tinha nenhuma dupla personalidade, nenhuma tapeação, não tinha nada a esconder, era alguém que vivia o que dizia. Sua honestidade intelectual era adquirida, verificável a cada dia. A questão não se coloca de outra maneira: “E nós, o que queremos fazer com isto?” Se queremos fazer alguma coisa, a que queremos dar continuidade, o que queremos abandonar?

O ponto sobre o qual gostaria de concluir é que, em relação à transferência, podemos

verificar que socialmente, na evolução cultural, a situação mudou. Participamos de uma cultura que sempre favoreceu o saber e os padrões de fixação, de ligação, de respeito, de veneração, de amor em relação às figuras do saber. Todas as pessoas de minha geração experimentaram o que podia ser a afeição, o amor por um professor, na medida em que era uma pessoa emblemática de um saber. Nada era mais comum. Nossa evolução cultural está marcada por uma desvalorização dos saberes. O único âmbito que vale, que é aceito, é aquele da tecnologia, da técnica, na medida em que se trata menos dos saberes do que dos meios cuja eficácia é imediatamente verificável. Se não é verificável, se isso não anda, desiste-se, passa-se para outra coisa. Não apenas verificável, mas rentável.

Todos os que trabalham em hospital ou em consultório, todos os médicos são perfeitamente sensíveis à completa modificação da relação que o paciente tem hoje em dia com seu médico. Este último era, até pouco tempo, uma das grandes figuras do saber, e em particular do saber sobre o corpo, até mesmo do gozo; atualmente ele é tratado como um prestador de serviço, quer dizer, como um técnico que tem de responder à demanda e que não lhe convém se enganar. Quer dizer que a relação com o médico não é mais de forma nenhuma uma relação do tipo transferencial, e, aliás, acontece atualmente que muitos jovens médicos a recusam. Recusam o suporte hipotético. Não é mais de forma nenhuma uma relação transferencial, mas uma relação contratual: “Eu tenho um dodói, vim consultá-lo, você vai dar um jeito nisto”, e é assim também para o automóvel ou para o aparelho de televisão: “Você dá um jeito nisso, eu pago o que lhe devo, mas que seja um bom preço; aliás, eu pergunto o preço para ver se é bom e depois até logo, saudações”.

Os professores estão ainda muito mais encurralados nessa evolução, na medida em que eles nada mais têm a oferecer senão saberes, cuja eficácia e rentabilidade são problemáticas quando se trata de ciências fundamentais, quando não se trata de aprendizagem técnica. Os professores sofrem, pois não são mais as estimadas figuras de antes, suportes do saber. Ao mesmo tempo, sua autoridade se torna puramente ocasional e depende da pessoa com quem estão lidando, de seu caráter. O respeito que eles terão ou não, impô-lo não passará pelo viés do saber. Isso anda de mãos dadas com o declínio das ideologias. Dito de outra forma, não há mais saber para determinar os engajamentos políticos, a ponto de os próprios políticos não saberem mais o que dizer para seus eleitores, muito menos o que eles têm a pedir.

Sabemos que igualmente as religiões, sobretudo em nossa região, vêm seus lugares de encontro cada vez mais desertos. É uma evolução que diz respeito eminentemente a essa questão da transferência, e poderíamos nos perguntar se não teria se operado, em uma espécie de evolução coletiva, uma resolução da transferência. Coletivamente, a transferência parece ter “sido curada” muito bem. Mas o que podemos verificar é que isso resulta em uma juventude que, em geral, não sabe o que quer, ou seja, não está bem fixada naquilo que são as modalidades de seu gozo, tanto no que concerne à identidade sexual das pessoas quanto à escolha do objeto sexual, e no que poderia ser um projeto de existência, um projeto profissional, uma maneira de pensar.

Há uma flutuação da qual medimos cotidianamente os efeitos, e que torna essas pessoas, dessa forma curiosamente tratadas e curadas, muito vulneráveis às sugestões que podem vir de qualquer lugar. Existem todos os modos, todas as influências, todas as formas de lhes vender o que internamente lhes faz falta, e que seria a orientação, a responsabilidade, a escolha de uma posição, de uma intenção, de uma vocação e de uma organização libidinal. Então, há essa restrição a ser feita relativamente à idéia de uma cura coletiva: essa independência a respeito dos saberes constituídos parece deixar esses jovens eminentemente vulneráveis a todas as ofertas, a todos os mercadores de sugestão. Esse tipo de tratamento coletivo não parece, de maneira nenhuma, ter sido o bom.

E os alunos de Lacan resolveram sua transferência? Não vejo qual possa ser o aparelho que permitiria uma exata avaliação de sua situação. Será que entre eles isso foi menos passional do que se deu em torno de Freud? Claramente não, mas isso não coloca em causa o ensino de Lacan. Com efeito, se é possível verificar que o ensino de Freud não podia permitir uma saída da transferência, Lacan verdadeiramente a colocou sobre a mesa com uma crueza infinitamente maior que aquela a qual eu pude me arriscar, com um tipo de honestidade em relação a seus alunos, quer dizer, dando a cada um a chave da fechadura. Mas não estava em seu poder girá-la por seu aluno.

# Impasses na transmissão da psicanálise e na formação do psicanalista<sup>1</sup>

Mario Fleig

Lacan, a respeito da formação do analista, afirmou que “não há formação do psicanalista, há apenas formações do inconsciente”.<sup>2</sup> Este aforismo nos

<sup>2</sup> Na intervenção na sessão de trabalho “Sobre o passe” (03.11.1973, *Lettres de l'École freudienne*, 1975, n° 15, p. 185-93), Lacan afirma: “Eis o que eu obtenho após ter proposto esta experiência. Eu obtenho alguma coisa que não é absolutamente da ordem do discurso do mestre nem do magister, ainda bem menos alguma coisa que partiria da idéia de formação, eu falei de formações do inconsciente, mas seria preciso saber observar as coisas das quais não falo, das quais jamais deixei um traço: eu jamais falei de formação analítica. Eu falei de formações do inconsciente. Não há formação analítica, mas da análise se extrai uma experiência, que é completamente errôneo qualificá-la de didática. Não é a experiência que é didática, digo isso porque há pouco se falava da psicanálise didática; por que vocês acreditam que tentei apagar completamente este termo didática, e que eu falei de psicanálise pura? Isso tinha, ainda assim, uma certa direção, não é? Isso não impede que uma psicanálise seja didática, mas o didatismo da coisa, eis como nós o situaremos melhor: eu falei sobre no ano passado, em um dos últimos Seminários, sobre o que está em jogo na pretensa experiência interrogativa a respeito do animal. Coloca-se, como vocês sabem, diversos animais em pequenos labirintos, onde eles ficam como ratos, é o caso de dizê-lo. O que se faz? São ensinados a aprender (on leur apprend à apprendre). Ensiná-los a aprender não é completamente evidente que é alguma coisa conforme seu gênio. Pergunta-se

<sup>1</sup> Texto escrito para discussão no Círculo de estudo e investigação “as formações do psicanalista”, da Association lacanienne internationale, em Caxias do Sul, RS, Brasil, em julho

lembra que a relação do analista com o ensino e a transmissão da psicanálise não só não é evidente como também parece ser antagônica, na medida em que está em jogo o ensino de um saber cuja verdade ultrapassa o psicanalista e o divide enquanto sujeito. Deste modo, tanto na posição daquele que ensina como na daquele que é ensinado, é sempre na posição de \$ que o analista como analista pode sustentar a função de ensino. Ora, a respeito desta função, ou ele se defende ou ele tende a ignorá-la. Como suspender os efeitos de alienação e de miragem que a função de ensino tendem a produzir no analista? Isso não se resolve pela soma da ignorância de alguns com a de outros, mas pela tentativa de reduzir os desconhecimentos comuns, sem serem idênticos, submetendo os textos fundadores a uma leitura não defensiva ao discurso inconsciente e suas leis (condensação e deslocamento/metonímia e metáfora).

Portanto, é na posição de \$ que encontramos o modo apropriado para introduzir as perguntas sobre o que seja o fazer analítico e como alguém pode aprender isso e se autorizar nesta prática. Requer-se que esteja em jogo o ser de cada um, ou seja, suas formações inconscientes. Ora, destas, uma das mais imediatas talvez seja a resistência que a hipótese freudiana do inconsciente produz, a resistência ao significante, que se organiza em um sistema de defesa. A resistência ao inconsciente também faz parte, e em nada acessória, do conceito de formação do psicanalista. O lugar do psicanalista de modo algum se situa fora do inconsciente e de suas formações, e é neste sentido que Lacan insiste em dizer que sempre falou apenas nas formações do inconsciente, e temos que acrescentar, mesmo quando se utilizava do termo “formação do analista”, o que não foi poucas vezes.

A formação do psicanalista, portanto, requer ser pensada e interrogada a partir da hipótese freudiana do inconsciente e aquilo que se produz como efeito deste, ou seja, as formações do inconsciente. Sabemos que os primeiros interessados em se habilitar ao ofício de psicanalista, ao se dirigirem a Freud, recebiam desse a indicação de leitura da *Interpretação dos sonhos*, além de sua análise pessoal. Aí já se descortinava o tripé da formação: análise pessoal, leitura e estudo de textos fundadores e análise de controle (desdobramento da análise pessoal, relativa ao que se passa com o analisante quando se dedica a dirigir um tratamento). O que é então uma análise que tenha efeito de formação do psicanalista? De que modo uma análise pode ser nomeada

como didática? Qual o lugar da análise de controle daquele que se inicia como praticante da psicanálise? O que permite orientar psicanaliticamente a leitura e o estudo dos textos fundadores? Estas são perguntas iniciais que retornam a cada momento do percurso pelas formações do analista, e é nelas que a teoria psicanalítica se articula a uma prática que se define, antes de qualquer coisa, como submetida ao discurso.

Considerando que os textos de Freud e de Lacan são textos fundadores, podemos supor neles um endereçamento. É este endereçamento que lhes dá a especificidade de formação, na medida em que o conceito está articulado a uma prática, constituindo a narrativa de um percurso singular. Para quem Freud escreveu seus textos? A quem Lacan endereçava seu Seminário? Parece que é esta perspectiva de leitura que os textos fundadores, desde as correspondências de Freud até os Escritos de Lacan, exigem de nós. Não podemos entrar nestes textos sem estarmos preocupados com seu endereçamento.

Lacan propôs, a partir de 1951, um retorno a Freud, que consistia não em uma simples leitura, nem em uma abordagem nova da obra do mestre, mas antes em um comentário referido constantemente à experiência clínica, definida então como uma experiência de discurso. Experiência de discurso, que hoje pode parecer algo claro, significava abandonar a análise da personalidade, do caráter, do comportamento, da transferência, da dinâmica do inconsciente, das resistências, e de outras coisas, para situar a especificidade da clínica psicanalítica na análise do discurso. Em que consiste a análise do discurso proposta por Lacan, apoiado em Freud? Esta tese pressupõe as explicitações feitas ao longo de seu ensino, a começar pelo desconhecimento que caracteriza a função do Eu, que não poderia ser corrigido pela realidade comum. Já em sua tese sobre A psicose paranóica e suas relações com a personalidade, Lacan recusa a concepção do Eu como função da realidade para reafirmar a definição que lhe dá Freud como objeto narcísico. Lacan, então, abre o caminho para afastar radicalmente a análise do discurso do campo do conhecimento, através dos achados do estágio do espelho como matriz das identificações imaginárias, constituindo o que denomina de "conhecimento paranóico". Em contrapartida, na medida em que o discurso deixa ouvir os significantes do desejo recalcado, um outro horizonte se descortina: o lugar onde se constitui a fala do sujeito para lhe retornar como de uma "outra cena", do grande Outro. Isso abre perspectivas consideráveis relativas à concepção de objeto do desejo e de análise. Daí resulta a lapidar tese lacaniana: nossa relação com o objeto não poderia se fundamentar em uma referência ao objeto como objeto de conhecimento. O conhecimento nada quer saber do objeto do desejo. Isso muda muita coisa! Isso determina uma delimitação muito particular da clínica psicanalítica, e precisa ser seguida em seus detalhes nos textos fundadores.

Encontramos, na apresentação da tradução francesa do livro de Schreber, escrita por Lacan, uma aproximação relevante entre a formação do psicanalista e as formações do inconsciente:

"Foi preciso que a insuficiência do ensino psicanalítico viesse a público para que nos empenhássemos na tarefa de exercê-lo. Os anos de 1956-1966 marcaram a mesma distância. Ainda nos restam dois anos para dar à 'questão preliminar' sua seqüência plena. Que quer dizer isso, senão que sempre estivemos interessados na formação de sujeitos capazes de entrar em uma certa experiência que aprendemos a centralizar onde ela existe? Onde ela existe – como constituída pela verdadeira estrutura do sujeito, que, como tal, não é inteira, mas dividida, deixando cair um resíduo irreduzível, cuja análise lógica está em andamento. Ora, é fácil introduzir o pensamento a essa estrutura, tão fácil quanto introduzir uma criança de idade relativamente precoce (no desenvolvimento escolar, se não nas fases analíticas) no estudo da matemática, através da teoria dos conjuntos. É no nível da matemática em processo de se fazer, que começam as aflições.

Podemos assim dar uma idéia da resistência com que se depara, entre os psicanalistas, a teoria de que depende sua própria formação. Com o detalhe de que, nesse caso, o resíduo irreduzível da constituição do sujeito é levado ao máximo de seu emprego ansiogênico pela função psicanalisante. Um tipo de

atos falhos – os únicos, talvez, a merecer seu nome, já que, na neurose, eles são atos bem-sucedidos –, um tipo de atos ‘falhos propositados’ jorra, de maneira muito evidente, no seio da transmissão teórica implicada pela formação do psicanalista.”<sup>3</sup>

<sup>3</sup> J. Lacan, apresentação da tradução de Paul Duquenne de *Mémoires d'un névropathe* de D. P. Schreber, *Cahiers pour l'analyse*, n° 5, nov. 1966, p. 69-72.

A seguir, trazemos outras tomadas de posição de Lacan a respeito de formação do psicanalista que poderão auxiliar na discussão dessa questão. Respondendo a uma pergunta sobre a formação do psicanalista colocada pelo entrevistador do jornal *Le Figaro*, em 29 de dezembro de 1966, Lacan disse:

“A formação de psicanalista se choca com os bons hábitos da preguiça. Na verdade, todas as resistências que encontro junto dos psicanalistas são resistência a Freud. Sem dizê-lo claramente, muitos praticantes pensam: ‘Freud está ultrapassado, nós, os psicoterapeutas, sabemos muito bem’. Ora, em sua essência, a psicanálise não pode ser reduzida à psicoterapia. É por isso que a formação do psicanalista também exige romper com um certo número de idéias que estão profundamente enraizadas: é preciso tirar férias de uma certa idéia que fazemos do sujeito. Ora, isso exige, é preciso reconhecê-lo, uma certa disciplina. É preciso, então, retornar a evidências massivas e dizer que a psicanálise, em sua essência, se realiza apenas na transmissão do psicanalista ao psicanalizado com fins de psicanálise, o resto devendo ser considerado como simples ramificações laterais. Os psicoterapeutas de apoio, por exemplo, tão na moda, não têm relação alguma com a psicanálise. Ou a psicanálise se transmitirá, em sua fidelidade inquieta a Freud, ou então ela se reduzirá à ação de psicoterapeutas que, no conjunto da terapia psiquiátrica, não terão mais importância do que os mestres-nadadores um pouco superiores”.

Lacan, em sua conferência proferida no Hospital Sainte-Anne, em 10 de novembro de 1967, comete um tropeço, que considero significativo, ao dizer, no início da mesma: “E se eu escolhi, pois fui eu que o escolhi, este título: Formação do psicanalista e... Psicanálise...”, em vez do título anunciado: “A psicanálise e a formação do psiquiatra”. O que insiste neste tropeço é a “formação do psicanalista”, que desliza para a primeira parte do título e produz uma repetição do mesmo, nos termos de psicanalista e psicanálise.

Recorto uma parte dessa conferência:

“A experiência de análise não é nada mais do que realizar o que diz respeito a esta função, como tal, do sujeito. Acontece que isso se abrepara certo efeito que nos mostra que na função do significante, que está primordialmente implicada, predomina uma dificuldade, uma falha, um furo, uma falta, desta operação significante que está precisamente ligada à confissão, à articulação do sujeito na medida em que ele é afetado por um sexo. É porque o significante parece manifestar falhas eletivas no momento em que aquele que diz Eu (Je) se diga, como macho ou como fêmea, que acontece que ele não possa dizer isso sem que acarrete o surgimento, no nível do desejo, de alguma coisa bem estranha, de algo que representa nem mais nem menos a escamoteação simbólica – entendam que não se o encontra mais em seu lugar – a escamoteação de uma coisa completamente singular que é precisamente o órgão da copulação. A saber, que no Real se encontra o melhor para fazer a prova de que há um que é macho e outro que é fêmea, hein?”

É isso, é esse o grande achado da psicanálise, é um achado que, estritamente, não pôde ser feito senão ao ser feito de um modo que lhe dê um sentido, é o caso de dizê-lo, que lhe dê um sentido aceitável, ao nível de outra coisa do que aquilo que Spinoza, visto que falei disso há pouco, é preciso que fale novamente agora, chamava de *historiolae*, de historietas, hein? É porque papai e mamãe lhe causaram medo, que ele acredita nisso, enfim... um monte de coisas que não param de pé. O que se chama de castração é isso, que para que se articule em função de significante – de significante na medida em que é primordialmente ao sujeito – para que venha a se articular alguma coisa que leve o sujeito ao plano sexual, é preciso que ali intervenha

isso que, enquanto algo de significativo, que este seja como faltante, que seja representando o órgão, precisamente da copulação”.

Uma outra referência significativa diz respeito à célebre metáfora utilizada por Lacan do rinoceronte, seja na cristaleira, na porcelana ou apenas rinoceronte:

“Com efeito, no final das contas, nós temos apenas isso como arma contra o *sinthoma*: o equívoco. Acontece que eu me dou ao luxo de controlar – como se chama isso – um certo número, um certo número de pessoas que se autorizaram elas mesmas, segundo minha fórmula, a serem analistas. Há duas etapas. Há uma etapa em que elas são como o rinoceronte; elas fazem mais ou menos não importa o que, e eu as aprovo sempre. Com efeito, elas sempre têm razão. A segunda etapa consiste em jogar com este equívoco que poderia liberar o *sinthoma*. Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significativo que ressoe.

É preciso dizer que ficamos surpresos, enfim, que isso de modo algum tenha se tornado manifesto para os filósofos ingleses. Eu os chamo de filósofos porque não são psicanalistas. Eles acreditam ferreamente que a fala não tem efeito. Eles estão enganados. Eles imaginam que há pulsões, ainda quando querem não traduzir pulsão por instinto. Eles não imaginam que as pulsões fazem eco no corpo pelo fato que há um dizer. Mas que esse dizer, para que ele ressoe,

<sup>4</sup> Lacan enuncia um equívoco em francês entre Saint Thomas d’Aquin, que é homônimo a *sinthome* d’aucun, ou seja, *sinthoma* de nenhum.

<sup>5</sup> J. Lacan, Seminário Le *Sinthome*, lição de 18.11.1975.

para que ele consoe, para empregar uma outra palavra do *sinthomadaquino*<sup>4</sup>, para que ele ressoe, é preciso que o corpo seja ali sensível. E que ele o seja é um fato. É porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante, porque ele não pode se arrolhar, se tamponar, dos quais o mais importante é a orelha, porque ela não pode se fechar, que é por causa disso que responde no corpo o que denominei a voz.

O embaraçoso é que não existe apenas a orelha, e que o olhar lhe faz uma concorrência eminente. More geométrico, por causa da forma, cara a Platão, o indivíduo se apresenta como é enjambrado, como um corpo. E esse corpo tem um poder de cativar que é tal que, até um certo ponto, é aos cegos que deveríamos invejar. Como é que um cego, ainda que se utilize do Braille, pode ler Euclides. O espanto é isso que vou enunciar, é que a forma não dá senão o saco ou, se vocês querem, a bolha. Ela é alguma coisa que se infla, e cujos efeitos já disse a respeito do obsessivo que está tomado por ela mais do que qualquer outro. O obsessivo, disse certa vez, e me lembraram há pouco, é alguma coisa da ordem da rã que quer se tornar tão grande como o boi. Sabemos dos efeitos, por uma fábula. É particularmente difícil, sabe-se, arrancar o obsessivo desta captura pelo olhar”.<sup>5</sup>

Em muitos outros lugares encontramos referências diretas à questão da formação do psicanalista, além da própria posição a partir da qual Lacan ministrava o ensino da psicanálise. Cabe ressaltar o que se encontra nos Seminários A transferência em sua disparidade subjetiva, sua pretensa situação, suas excursões técnicas (lição de 24.05.1961), A angústia (lição de 20.02.1963), Os conceitos fundamentais da psicanálise (lição de 10.06.1964), O objeto da psicanálise (lições de 11.05.1966 e 08.06.1966), O avesso da psicanálise (lição de 20.05.1970) e O saber do psicanalista (lição de 01.06.1972)

Para finalizar, algumas questões a respeito da clínica psicanalítica e a formação do psicanalista.

#### 1. O fim de análise: qual o destino da transferência?

Em Freud, podemos examinar esta questão a partir do texto sobre a Gradiva de Jensen. Qual o destino do amor de transferência no final de uma análise? Se Zoé e seu amante podem aspirar ao perfeito amor, em contrapartida, no desenlace de uma análise, analista e analisante devem retomar a posição de estranhos um para o outro.

Lacan, por sua vez, afirma que o amor de transferência deve se tornar transferência de trabalho. O que pode significar essa transferência de trabalho? Como se dá essa

transformação da transferência? O que resta do amor?

2. Fim de análise não coincide necessariamente com a passagem a analista, ou a passagem a analista não coincide necessariamente com o fim de uma análise.

3. O que é o passe? Como se situar hoje em relação ao dispositivo proposto por Lacan em 1967?

Cabe distinguir, inicialmente, entre o passe como a passagem da posição de analisante para a posição de psicanalista e o procedimento do passe instituído por Lacan na École freudienne, para tentar recolher testemunho disso. O primeiro sentido aparece no enunciado de Lacan “se há alguém que passa seu tempo a passar o passe, certamente sou eu”.

Podemos denominar o primeiro de passe real; e o segundo, de simbólico, conforme proposta de Chemama.<sup>6</sup>

4. Autorizar-se analista: o que isso quer dizer?

Retomar os textos nos quais Lacan utiliza esta expressão e tentar uma interpretação dos possíveis sentidos da proposição: “O analista só se autoriza por si mesmo”.<sup>7</sup>

Em uma carta a três psicanalistas italianos, em abril de 1974, encontra-se a formulação de base da questão do tornar-se analista e sua autorização:

“O analista só se autoriza por si mesmo, isso é evidente. Pouco lhe importa uma garantia que sem dúvida minha escola lhe dá com a sigla irônica A.M.E. Não é com isso que ele opera. O grupo italiano não está em condições de fornecer esta garantia. Ao que é preciso prestar atenção é que para se autorizar por si mesmo não haja senão o analista. Com efeito, minha tese, inaugural por romper com a prática pela qual as pretensas sociedades fazem da análise uma agregação, não implica, no entanto, que não importa quem seja analista. Com efeito, é da análise que se trata naquilo que ela enuncia. Ela supõe que haja análise. Autorizar-se não é se auto-ri(tuali)zar. Com efeito, afirmei, por outro lado, que é do não-todo que provém o analista. Não-todo necessário para falar,

<sup>6</sup> Chemama, R., “O destinatário”, em *O Passe: Reflexões*, Recife: CEF-Recife, 2002.

<sup>7</sup> Este enunciado aparece na “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Lacan retoma a questão do autorizar-se, de modo esclarecedor, no Seminário *Les non-dupes errent* (lição de 09.04.1974): “O ser sexuado não se autoriza senão por si mesmo, mas eu acrescentaria, e por alguns outros. (...) Com efeito, ao autorizar-se apenas por si mesmo, ele não pode com isso senão autorizar-se também por outros”.

<sup>8</sup> Carta de Jacques Lacan enviada em abril de 1974 a três psicanalistas italianos: Verdiglione, Contri e Drazien. Publicada em *Spirales*, 1981, n° 9, p. 60.

<sup>9</sup> Intervenção de encerramento do Congresso “A experiência do passe”, Deauville (08.01.1978, publicada em *Lettres de l'École*

não poderia se autorizar a fazer um analista. A prova é que a análise ali é necessária, embora não seja suficiente. Unicamente o analista, não importa quem seja, só se autoriza por si mesmo. Existem analistas, agora está feito: mas é por isso que eles funcionam. Esta função apenas torna provável a ex-sistência do analista. Probabilidade suficiente para garantir que haja analista: que as chances sejam grandes para cada um, deixa-as absolutamente insuficientes”.<sup>8</sup>

5. O que Lacan esperava do procedimento do passe?

No congresso de Deauville, ele perguntou:

“A única coisa importante é o passante, e o passante, é a questão que eu coloco, a saber, o que é que pode dar na telha de alguém para se autorizar analista? Eu quis ter testemunhos, naturalmente não tinha nenhum testemunho de como isso se produzia. Certamente é um completo fracasso esse passe. Mas é preciso dizer que, para se constituir como analista, é preciso estar bestamente mordido; mordido por Freud, principalmente, isto é, acreditar nesta coisa absolutamente louca que se chama o inconsciente, e que eu tentei traduzir por ‘sujeito suposto saber’”.<sup>9</sup>

6. O fracasso do passe: e então?

No mesmo Congresso de Deauville, reconhecendo o fracasso da proposta do dispositivo do passe, Lacan acaba se interrogando como acontece de alguém pedir a um outro, um analista, para se livrar de seus sintomas.

“Por que viria alguém demandar a um analista para temperar seus sintomas? Todo mundo tem sintomas, considerando que todo mundo é neurótico, e é por isso que se chama o sintoma, neste caso, de neurótico, e quando não é neurótico, as pessoas têm a sabedoria de não vir demandar a um analista de se ocupar do mesmo, o que prova, ainda que não se dê esse passo, a saber, vir demandar ao analista para arrumar isso, que é preciso denominá-lo de psicótico.”

Vemos que esta é uma questão que Lacan se coloca, sem dar uma resposta: por que alguém, após seu percurso de análise, se arrisca a se tornar psicanalista? O que nos coloca uma pulga atrás da orelha é que Lacan aproxima esta questão, sem nenhuma justificativa, da questão da psicose.

“Tudo se encontra aí, seria preciso que o analista conhecesse um pouco o limite de seus meios, e é sobre isso, em resumo, que esperamos o testemunho das pessoas que são analistas há pouco tempo: o que é que faz surgir a idéia – é aí que eu coloco a questão – de se autorizar a ser analista”.

Lacan não estaria querendo “salvar” a psicanálise de grandes perigos, através de seu procedimento do passe? Para refletir: Freud nos dá elementos sobre o fantasma da salvação. Na análise da neurose demoníaca do pintor Christophe Hitzmann, aparece o número “nove”, em um típico fantasma de gravidez. O texto de Lacan sobre o passe é de “nove” de outubro de 1967. O passe de Lacan, não se trata de um sintoma? Ora, somente em 1978 é que ele reconhece a impossibilidade da transmissão da psicanálise e então ele fala da necessária reinvenção da mesma por cada psicanalista, como a fênix. Reinventar a psicanálise, em sua prática em relação com a teoria, não simplesmente como apropriação de uma doutrina. É nesta relação estreita entre a clínica e a teoria, a partir da enunciação de cada um, que se situa o que Lacan denominou “a ética da psicanálise”.

7. Dada à impossibilidade de sua transmissão, seria então preciso reinventar a psicanálise? E o que seria reinventá-la?

No Congresso sobre a transmissão, em julho de 1978<sup>10</sup>, Lacan evoca novamente seu fracasso, mas para introduzir um novo passo: renuncia à impossibilidade da transmissão da psicanálise, da qual o passe poderia ter dado conta da necessária reinvenção da psicanálise por cada analista.

<sup>10</sup> Intervenção de encerramento do Congresso da École Freudienne de Paris sobre “A transmissão”, publicada em *Lettres de l'École freudienne*, 1979, n° 25, v. II, p.

Ele, novamente, parte do analisante, de sua neurose e da possibilidade de se curar de seus sintomas.

“... aqueles são chamados meus analisantes... tentam me dizer o que neles não anda. E os neuróticos, isso existe. Quero dizer que não é muito garantido que a neurose histérica exista sempre, mas há certamente uma neurose que existe, é o que se chama de neurose obsessiva. As pessoas que vêm me ver para tentar me dizer algo, é preciso dizer que nem sempre eu lhes respondo. Eu tento que isso se passe; ao menos eu almejo. Eu almejo que isso se passe, e certamente é preciso dizer que muitos psicanalistas estão reduzidos aí. É por isso que eu tentei ter algum testemunho sobre o modo como alguém se torna psicanalista: o que faz com que após ter sido analisante alguém se torne psicanalista?

Eu me perguntei, devo dizer, sobre isso, e é por isso que eu formulei minha “Proposição”, aquela que instaura o que se chama o passe, no que eu confiei em alguma coisa que se chamaria transmissão, se houvesse uma transmissão da psicanálise.

Tal como acabo de pensar agora, a psicanálise é intransmissível. É muito desolador. É muito desolador que cada psicanalista seja forçado – visto que é preciso que ele seja forçado – a reinventar a psicanálise”.

Afinal, por que não haveria transmissão da psicanálise? Seria a instalação da relação de um mestre e um discípulo? Se assim fosse, isso suporia a manutenção do encontro traumático do desejo do Outro, ou seja,

<sup>11</sup> Cf. M. Czermak, *Patronymies*, Paris: Masson, 1998.



a suposição de que há um saber no Outro que venha responder à demanda do sujeito?<sup>11</sup>

Continua Lacan, nesse mesmo Congresso:

“Se eu disse em Lille, que o passe tinha me decepcionado, é precisamente por isso, pelo fato de que seja preciso que, cada psicanalista reinvente, conforme aquilo que conseguiu retirar do fato de ter sido um tempo psicanalisante, que cada analista reinvente o modo pelo qual a psicanálise pode durar.

Eu tentei, é verdade, dar a isso um pouco mais de corpo; e é por isso que inventei um certo número de escritas, tais como o S barrando o A, isto é, o que eu chamo de grande Outro, pois é o S, que eu designo o significante que, este grande Outro, o barra; quero dizer que aquilo que enunciei em um momento, a saber, que o significante tem por função representar o sujeito, mas e somente para um outro significante – é ao menos o que eu disse, e é um fato que eu o tenha dito – o que isso quer dizer? Isso quer dizer que no grande Outro não há outro significante. Como eu enunciei numa oportunidade, não há senão um monólogo.

Como acontece que haja pessoas que saram?

Então, como acontece que, pela operação do significante, haja pessoas que saram? Freud, precisamente, sublinhou que não era preciso que o analista fosse animado pelo desejo de sarar; mas é um fato que há pessoas que saram, e que saram de sua neurose, e mesmo de sua perversão.

Como é possível? Apesar de tudo o que eu disse oportunamente sobre isso, eu não sei nada disso. É uma questão de truque (truquage). Como é que se sussurra, ao sujeito que vem para vocês em análise, alguma coisa que tem por efeito sará-lo, é uma questão da experiência na qual desempenha um papel o que eu chamei de sujeito suposto saber. Um sujeito suposto é uma reduplicação. O sujeito suposto saber é alguém que sabe. Sabe o truque, o modo como se sara uma neurose”.

O que é esse truque? Como pode alguém operar o lugar de psicanalista? O que é preciso para que alguém se torne psicanalista? O que o autoriza? O que leva alguém a querer tornar-se psicanalista? E a questão que retorna no ensino de Lacan: o que é um psicanalista?



# Reflexões sobre o passe

Letícia Patriota da Fonsêca

Apesar das constantes alusões ao seu fracasso na École freudienne de Paris, o passe insiste como uma questão não resolvida permeando sempre as instituições psicanalíticas lacanianas. Enquanto em algumas é parte integrante de seus estatutos constituindo um dispositivo adotado, em outras é considerado uma questão tacitamente já ultrapassada. Mas se algumas instituições revelam uma fundamentação mais aprofundada desse tema, o qual é constantemente retomado, outras deixam o assunto de lado, cabendo a cada um dos participantes retomarem, caso o desejem, os textos clássicos fundamentais, ou o percurso histórico de Lacan, a fim de se inteirar do que se passa, do que ele passa, ou do posicionamento institucional adotado. Cabe então, inicialmente, indagarmos se os impasses da formação, impasses, portanto, da passagem da posição de analisante para a posição de analista, poderiam ser solucionados no dispositivo do passe.

Ao retomar a questão, constatamos que o passe, inscrito nos textos fundadores da ALI, não era praticado enquanto dispositivo, não se constituindo, até o início desta década, numa questão resolvida para os colegas. Deparamo-nos, entretanto, com duas publicações da AFI<sup>1</sup> resultantes de jornadas de trabalho, que atestam o interesse e preocupação pelo tema. Estas nos permitiram retomar a questão que, tecendo novos laços de trabalho, resultaram numa outra publicação<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Le Trimestre  
Psychanalytique, 4,  
1992 e 4, 1994,  
A s s o c i a t i o n  
f r e u d i e n n e  
i n t e r n a t i o n a l e .

<sup>2</sup> Fonsêca, Letícia P.  
(org.), O Passe:  
Reflexões, Recife:

Remetendo-nos aos primórdios, indagamos: Por que Lacan introduziu o passe?

Façamos então uma breve incursão pela história a fim de observarmos alguns aspectos.

Aspectos concernentes à Instituição: Lacan pretendia atenuar as falhas das instituições psicanalíticas, onde predominava uma hierarquia cujo manejo das beatitudes e das suficiências prestava-se a um certo tipo de perversão ou, talvez, indicava uma aversão já que seguia na contracorrente da descoberta freudiana. Lacan buscava inventar um dispositivo que pudesse levar adiante a transmissão da psicanálise suportando uma associação entre analistas que fosse coerente com a lógica do inconsciente e com o desenlace da transferência. A meta seria, portanto, evitar, na instituição psicanalítica, a burocracia da análise didática, a predominância da hierarquia e da troca de poderes onde o discurso do mestre pudesse prevalecer.

Para tornar mais consistente seu propósito, Lacan propunha um modo de recrutamento outro, diferente da IPA, mediante o qual se pudesse articular a questão do fim de análise com a nomeação de analistas. Por outro lado, como ele enfatiza em Montpellier, o despertar repentino do prestígio da Universidade, com o desmedido desdobramento do discurso universitário, não é sem conseqüências, podendo trazer distorções e prejuízo. Assim diz-nos:

“Desde maio de 1968, a Universidade viu seu prestígio fazer um “boum”; não há uma maneira de se alojar, de se aninhar na Universidade que não seja o objeto de cobiça e de lutas selvagens.” J. Lacan

O saber revelava-se assim uma mercadoria a circular no mercado. Tornava-se imprescindível isolar, no seio da instituição psicanalítica, o que é do discurso analítico, atentando à diferença em relação aos outros discursos.

Aspectos concernentes ao psicanalisante/psicanalista: É importante observarmos que, já em 1967, Lacan pretendia que se lessem as formações com e no grafo do desejo, onde a circulação das flechas mostra como fica caduca qualquer hierarquia.

É assim que ele ratifica, mais adiante, no “Étourdit”, dizendo-nos:

“Que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve”.

Então, como já estava no grafo, chega-se a esse umbral de chamar por um Outro que não mais responde: o S(A). No Congresso de Deauville, em 1978, Lacan é mais explícito quanto ao seu próprio desejo em relação ao passe, explicitando: “Eu quis ter testemunhos... sobre o que pode dar na telha de alguém para se autorizar analista...” Ou seja, Lacan destaca que “o passe permite a alguém que pensa que pode ser analista, a alguém que está perto de se autorizar... comunicar o que o fez decidir, o que o fez autorizar-se assim e se engajar num discurso do qual não é fácil certamente ser o suporte”.<sup>3</sup>

Portanto, diante de cada um que se autorizava, tratava-se, sobretudo, de buscar esclarecer o que se passou na análise que fez com que um analisante pretendesse ocupar a função de analista. Mas uma questão ressoava: como pode alguém pretender autorizar-se a desempenhar uma função cujo efeito final seria ser dela e por ela ejetado, destituído? Ou seja, estamos diante do problema crucial para a psicanálise: como essa partida que o significante nos leva a jogar e onde sistematicamente temos que perder, pode ser ganha?<sup>4</sup>

Não pretendendo retomar aqui aspectos já bastante conhecidos do procedimento do passe, tal como estabelecidos na proposição - onde teríamos o passante, os passadores indicados pelo analista, o júri, etc. - vale, entretanto, salientar:

1) Lacan não concordava com os procedimentos adotados para a nomeação de analistas.

2) Se Lacan expressou - tanto em 73 como em 78 - seu desejo de saber alguma coisa sobre essa passagem e sobre suas razões, foi porque os termos de análise nada lhe revelaram sobre esse tempo. Persistia um não-saber, tanto para o analisante quanto para o analista, decorrente, sem dúvida, do fato de que o sujeito nada pode dizer nesse momento por estar sob o efeito do desejo inconsciente. É válido, portanto, questionarmos: será que podemos indagar ao passe o que a análise não diz?<sup>5</sup> Mas a que passe estaríamos nós nos referindo? Ao procedimento adotado na EFP e retomado por algumas Instituições, ou a esse momento que resiste, por um impossível que resta, que não cessa de não se inscrever?

Aqui cabe diferenciarmos e examinarmos alguns aspectos:

- O passe enquanto dispositivo institucional para a nomeação de analistas.

- O passe real enquanto passagem que se efetiva no processo de análise.<sup>6</sup>

- A existência ou não dessas passagens.

- Conclusões possíveis de ser alcançadas: repensar o passe, repetir ou modificar?

O passe enquanto dispositivo institucional para a nomeação de analistas

Levando-se em consideração o analista e a instituição, teríamos: o passe enquanto dispositivo, que tem uma ordenação simbólica implicando um certo ritual e constituindo um valor específico perante uma comunidade. Nesse sentido, tem a ver tanto com o todo da Instituição como com a comunidade: a posição, o lugar simbólico onde se inscreve essa passagem e o que pode dela advir: uma nomeação ou não.

Entretanto, vale salientar que esse dispositivo daria testemunho de uma passagem outra que teria ocorrido, um passe outro que se efetivou em decorrência de uma análise. Ou seja, haveria algo de uma natureza outra a ser levado em conta nesse dispositivo, e que se buscaria apreender por intermédio do passador.

<sup>3</sup> Lacan, J., “Intervention sur la passe”, em Bulletin de l’Association freudienne, nº 45, nov. 1991.

<sup>4</sup> Melman, Charles, “La topologie, ça ne fait pas croix”, Bulletin de l’Association lacanienne internationale, nº 111, janeiro 2005, p. 3.

<sup>5</sup> Essa é a questão que fez com que a ALI levasse mais em conta o passe Real, inventando uma nova forma.

<sup>6</sup> Vale atentarmos à etimologia da palavra. Em francês, conforme Le Robert, passe significa ação de passar em alguns sentidos: 1- passe de armas - troca de argumentos, de réplicas vivas; 2- palavra de passe: fórmula convencional que permite passar livremente; 3- ação de passar a bola a um parceiro; significa também lugar onde se passa, passagem, canal. Não podemos deixar de observar a riqueza do verbete em português, cf. Novo Dicionário Aurélio - passe tem o sentido de: licença, permissão, autorização; bilhete, ticket de entrada; no jogo, tem o sentido de passar a bola para um companheiro; indica ainda gesto que por sua rapidez ou perícia torna possível fazer aparecer ou desaparecer objetos, ou mudá-los de

O passe real enquanto passagem que se efetiva no processo de análise.

Teríamos então, nesse sentido, um passe real, efeito de análise, não circunscrito a um dispositivo constituído. Seria uma experiência que não apenas o analisante/analista atravessa, mas que é por ela atravessado, habitado, pela qual este padece, e que se estende do isso fala ao isso cala, ao que é mudo, àquilo que silencia uma vez que remete à letra faltante. Nesse sentido, o que pode se inscrever é de uma natureza outra cujos impasses veremos adiante.

Diante dessas peculiaridades, teríamos, então, alguns aspectos a considerar no que se refere ao dispositivo, à questão institucional na maneira inicialmente pensada para o passe:

– se pedimos aos passadores que dêem testemunho desse momento de ruptura, vale indagar sobre esse procedimento: quem está vivenciando o passe, o passante ou o passador? Sabemos que um está dando testemunho do que o outro passou, para que esse outro passe. Ou seja, um vive no real para que seu testemunho faça passar ao outro, conforme um dispositivo. Então, quem está no passe?

– uma vez que existem coisas que o passador escuta no só-depois, não será ele que vive o drama da divisão e que padece sua causa? Não será a ele que falta um melhor entendimento da questão?

Retomando um aspecto enfatizado por Pierre Bastin, recorramos ao imaginário para tentar apreender o que poderíamos figurar, então, como o passe real. Vários autores fazem alusão ao Teeteto<sup>7</sup>: o relâmpago, o clarão, depois a dificuldade de situar onde foram vistas...

“E no temporal, um relâmpago... Num instante bem breve ele antevê toda a paisagem: a grande profundidade do vale, vagamente vias de comunicação bem embaixo, a sinuosidade de uma torrente, uma cascata, alguns casebres ou grupos de casebres, o limite superior de uma floresta, uma cabana de pastor, a altura e a distância do cume em direção ao qual ele caminha, se, todavia, se trata desse cume... A obscuridade retorna, ele sabe que a viu, mas seria inteiramente incapaz de desenhar a topografia dele.”<sup>8</sup>

Continuando na nossa metáfora literária, indagamos: quem lhe dará o bilhete, a senha (passe), nomeando-o analista e reconhecendo-lhe a habilidade de levar outros a atravessar (passar) a tempestade? Por outro lado, falamos de um momento de passagem do qual se vai dar um testemunho e que resultará num passe institucional. Cabe, então, indagar: será por um momento único e último que o Real dá as caras: momento de repassar a castração, ou de interpretação da castração?

Lembrando o toro de revolução: da demanda versus desejo, pensamos no desejo do analista, motor primeiro da transferência, a enlaçar e impelir o analisante em suas voltas sucessivas. São várias as voltas a serem dadas.<sup>9</sup> Diz-nos Mario Fleig: “Parece-nos que a questão do desejo do analista, que pode emergir na destituição subjetiva própria do ato analítico, não fica necessariamente circunscrita a um único momento de ruptura”.<sup>10</sup> Mas nestas, “ou o sujeito se apresenta como forcluído ou, pelo menos, em sua forma elidida, isto é, como efeito de discurso... Há então, aí, uma contradição, pois quanto mais aquele que se acha nessa passagem está aí de maneira analiticamente justa, menos é possível pedir-lhe que dê conta disso”.<sup>11</sup>

Deixemos, por enquanto, em suspenso a questão da validade ou não do dispositivo para tecermos algumas considerações relevantes sobre esse momento de destituição subjetiva.

#### A exitosa falha da fala

Como dizia Lacan em Deauville, em 1978: “Naturalmente, eu não tive nenhum testemunho de como isso se produzia... é um fracasso completo esse Passe”, por que este persiste? Será que a obscuridade que resta é um fato de estrutura? Caso seja

<sup>7</sup> Teeteto ou sobre a ciência – de Platão. Também remete a Heráclito e o trovão.

<sup>8</sup> Bastin, P., “A Associação e a Proposição de 1967”, em O Passe: Reflexões, Recife: CEF-Recife, 2002.

<sup>9</sup> Lacan, J., Radiofonia, Recife: CEF-Recife, 2ª Ed., 2003, p. 25, 28 e 33.

<sup>10</sup> Fleig, Mario, “A transmissão da psicanálise e seus impasses”, em O Passe: Reflexões, Recife: CEF-Recife, 2002, p. 103.

<sup>11</sup> Hiltenbrand, J-P., “Passagem de Escrita”, em O Passe: Reflexões, Recife: CEF-Recife, 2002.

afirmativo, o passe seria fracasso ou êxito?

“Uma psicanálise que vai a seu término faz o sujeito experimentar a falha a partir da qual ele fala. Esta falha se define primeiramente pela ausência de garantia que há em toda palavra. É verdade que, no lugar dessa falha, no lugar onde ele não tem como se assegurar de seu ser, o sujeito se sustenta com o objeto a. Porém este se define, ele mesmo, como o que faz corte, descontinuidade, como o que cai. Pareceria então possível afirmar que sempre o fim da análise consiste em melhor situar o que é esta falha”.<sup>12</sup>

Mario Fleig, aludindo a Heráclito e o trovão, destaca não só o clarão do relâmpago, mas também o raio fulminante que traz o fogo destruidor ao qual ninguém resiste, enfatizando que “alguém fulminado pelo real já não pode mais deixar de se governar pela heterogeneidade de todas as coisas. Já não há mais mundo, pois este se dissolve no imundo”.<sup>13</sup>

Por outro lado, vale lembrarmos que Lacan, alertando sobre a interpretação analítica, diz-nos que a verdade tem a estrutura do dizer poético, mas que a astúcia do homem é preencher tudo com a poesia, que é efeito de sentido, mas igualmente efeito de furo.<sup>14</sup> Entretanto, posteriormente Lacan vai afirmar que a verdade tem estrutura de ficção, que a verdade entorpece.<sup>15</sup> Então, é importante que possamos considerar, em face de cada assertiva, por um lado, o momento em que Lacan está em sua teorização; por outro, o tempo lógico em que se encontra o analisante/analista. Poderíamos, assim, diferenciar um aspecto do objeto a enquanto inscrito no fantasma, que faz tela, ou enquanto letra que falta, numa escrita não alfabética<sup>16</sup> impulsionando o mais de gozar. Poderíamos almejar daí uma apreensão lógica, uma dedução a posteriori, efeito do trabalho levado adiante com e pela linguagem? Será que poderíamos refazer então um percurso: dos poetas e romancistas, tão evocados por Freud, ao artesão citado por Lacan?

Se o real é o que faz buraco na aparência, revelando a falha de estrutura, do ponto de vista lógico teríamos a distinguir: a hiância, ou intervalo, que se presentifica a cada volta; a lei da série, que poderá ser apreendida só-depois, reconhecida no outro. Isso nos faz evocar do objeto a enquanto efeito de cunhagem do nó, ou seja: a resposta de Lacan ao fracasso do passe.

Hilttenbrandt destaca, com muita propriedade<sup>17</sup>, que, com o passe, haveria um deslocamento de escritura, ressaltando uma diferença de Freud para Lacan: com Freud, em *O Homem dos lobos*, o quadro do fantasma permaneceu como um ícone para o analisante, testemunhando assim o fato de que não houve passagem ou deslocamento de escritura. A manutenção do simbólico vem atestar que o surgimento do fantasma e sua publicação ulterior são acontecimentos em sua história que dão lugar a uma recuperação simbólica sempre possível, mas não interferindo na estrutura. A passagem de uma escritura a outra não teria ocorrido. Vale, portanto, atentar para esse ponto importante: o deslocamento de escritura.

Com Lacan, no *l'Insu*, podemos deduzir que é no momento em que em nossa experiência vem surgir o Real que a passagem efetivamente acontece, e que pode brotar o ato que contém sua conclusão. “Essa passagem da hiância, em sua função simbólica, para o registro do real, pode perfeitamente consistir em uma operação de desatamento -reatamento do nó borromeu”.<sup>18</sup>

Então, ao invés de solicitar que alguém testemunhe a passagem – fazendo com que essa cena obscura seja novamente iluminada pelo fulgor do relâmpago – o que é importante é que se possa atravessar a neurose infantil, renunciar à coletânea dos dramas da vida, das tragédias, dos traumatismos psíquicos que nutriram a análise, fornecerem toda a lenha a ser queimada, e apreenda-se, por esses dados, por essas recordações, uma estrutura que lhe é subjacente. Com efeito, só extraído do simbólico é que o Real vai dar as caras. Ou seja, trata-se de eliminar a gramática e não a lógica.<sup>19</sup>

<sup>12</sup> Chemama, R., “O destinatário”, em *O Passe: Reflexões*, Recife: CEF-Recife, 2002.

<sup>13</sup> Fleig, Mario, op. cit., p. 103.

<sup>14</sup> “... avec les arts on s’amuse, on muse avec les lizards”, Lacan J., em *Radiofonia*, Recife: CEF-Recife, pág. 30.

<sup>15</sup> Lacan, J., *O saber do psicanalista*, lição de 2.12.1971.

<sup>16</sup> “Spécification du bord”, em *Textes fondateurs, Annuaire de l’AFI*, 1997-98.

<sup>17</sup> Hilttenbrand, J-P., op. cit.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Lacan, J., *L’Insu que sait de l’une bevue*, lição de 11.01.1977, inédito.

Retomando, então, a questão do referido fracasso do passe citado em Deauville, os colegas da ALI questionam se poderíamos dizer que tal fracasso não teria atingido senão um certo modo de praticar o passe e que seria preciso tentar pensá-lo de uma outra maneira, mais congruente. Nesse sentido, o “naturalmente” apontaria para seu próprio êxito: êxito do Real. Valeria então repensarmos o dispositivo, o simbólico?

Novas formas

– Nova forma de pensar o passe quanto ao analisante – o Real do passe ou o passe no Real;

– Nova forma de encarar o passe simbólico, ou seja, de pensar diferentemente o dispositivo.

Passe Real

Cabe interrogarmos o que seria o passe real, passe não circunscrito a um dispositivo instituído. Fazendo uma analogia com o estúdio do espelho – ao lembrarmos que a criança vai apreender sua imagem unificada não na imagem virtual, mas na autenticação que recebe do Outro – poderíamos indagar o que acontece quando o Outro nada responde? Não será que, pela não resposta do Outro, estaríamos diante da face real de cada passe? Ou diante do passe real? Por que Lacan nos diz, em 1973, que passa seu tempo a passar o passe?

Pensemos, então, que a cada vez que há um corte interpretativo o sujeito caminha. Caminha pelos tropeços ante o Che vuoi, cujo efeito de angústia arrebatada (lembremos o grafo). O fantasma dá as caras, trabalha, mostrando sua eficácia e produzindo uma resposta. A cada vez que se chega a beirar o impossível, ele vai buscando respostas: os argumentos que possam cumprir a função. Mas é preciso ir adiante...

Nessas voltas e giros sucessivos, onde é preciso tempo, chega o momento em que o sujeito não tem mais resposta – talvez porque já se cansou de todas elas, de repeti-las, etc. Entretanto, só trilhando esse caminho ele pode efetivar uma passagem outra: do ato de fé à razão – do SSS ao a. Essa passagem da fé à razão é central. Essa razão é não apenas amputada, como totalidade, por essa parte de “não-toda”, mas, além disso, esse não-toda vai constituir a causa insistente dessa própria razão. Razão fundada, em último recurso, pela apreensão do que esteve sempre lá: a saber, a hiância primitiva que instituiu a subjetividade.<sup>20</sup>

Diz-nos Marc Darmon que, se um significante é, ele mesmo, apenas uma diferença para com um outro significante, é preciso então considerar a relação que é a diferença, como sendo ela mesma um significante. Não será que poderíamos, então, pensar a própria função, ou seja, a partir desse movimento que se repete, o próprio movimento, inscrevendo algo – algo também impronunciável, mas inscribível – numa escrita não alfabética, porquanto refratária de uma instância da letra?

O que é significativo é que foi necessário a Lacan quase um decênio para tirar as conseqüências dessa ausência de resposta. Isso é ainda mais surpreendente porque a ausência de resposta tem seu fundamento na escritura já conhecida: S(~~A~~). Mas será que o analisante recorrerá novamente ao seu fantasma depois de conseguir se desvencilhar dele?

Esse momento privilegiado na análise, diz-nos Lacan em Montpellier, cai no esquecimento. Então o ato psicanalítico não funciona como os outros atos, nos quais há algo que marca e introduz uma diferença. O próprio vigor do fantasma faz com que isso possa se perder. E o inconsciente é isso. Felizmente, há o inconsciente! A enunciação do fantasma originário, que mascarava essa hiância e dava corpo à demanda, não é mais, portanto, o último ponto de tropeço.

Mas, tendo o sujeito sabido colher do meio de seus significantes, desse movimento que se repete, o Real, cuja emergência atesta um percurso cumprido, ele poderá partilhar da experiência com os demais de forma advertida. Entretanto, se o último termo não é desvelado – ou seja, se a diferença não se apresenta enquanto tal, em seu caráter de diferença radical, esse trabalho pode se perpetuar indefinidamente sem conclusão.

Passes e impasses: Desvios previsíveis e ou possíveis e suas conseqüências  
Vejam alguns dos possíveis contratempos de final de análise e suas derivas conseqüentes.

Tendo percebido que o objeto a, causa de seu desejo, é um objeto radicalmente perdido, e tendo experimentado que não há, no Outro, nenhuma garantia, pode haver chegado o momento de concluir. Mas, por outro lado, é nesse momento que alguns desvios podem ocorrer. Fisgado pelo impossível, nesse momento lógico onde algo não cessa de não se escrever, o fantasma pode dar as caras e produzir suas armadilhas...

– Não é raro que aquele analisante que levou sua análise até o ponto de questionar seu desejo de tornar-se analista permaneça, diante de seu analista ou da própria instituição, numa demanda insistente de reconhecimento que parece não ultrapassável. Conforme nos diz Chemama, esse é um momento em que o reconhecimento do desejo pode fazer um redobramento sobre o desejo de reconhecimento. Este é um aspecto importante a ser considerado, pois podemos até perceber que muitos dos trabalhos por nós redigidos são feitos na esperança de um reconhecimento.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Chemama, R.

<sup>22</sup> Melman, C., "Fim de partida", em *O Passe: Reflexões*, Recife: CEF-Recife, 2002.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Lacan, J., *L'Insu.....*, lição de 8.03.1977, inédito.

– Por outro lado, o analisante pode, ao mesmo tempo, fetichizar o que faz borda a essa perda, atendo-se a um argumento que obtura, que emudece a questão e a justifica.

– Ainda, se a força do fantasma é de abjetivar tudo o que lhe convoca, ele pode também abjetivar o próprio momento em que o impossível se presentifica, sem alcançar sua conclusão.<sup>22</sup>

– Ou ainda, ao se confrontar com a falta no Outro, ou seja, que não há Outro, ele pode velar pela existência e consistência de um Outro Institucional.

Vemos, portanto, que essas respostas não são da ordem da invenção, e sim da fetichização e da reversão do que faz borda a essa perda. Por isso há a necessidade – como apontava Melman<sup>23</sup> – de um mecanismo de turbulência, de revisão permanente, para que não venhamos a nos colocar como aquele que teria engolido o verdadeiro bastão, ou um pedaço da verdadeira cruz.

Mas o que é que vai tornar possível esse momento de virada, através do qual o analista não vai mais buscar um reconhecimento, mas contribuirá ele mesmo para o trabalho de todos?

Se Lacan responde ao "fracasso" do passe – que agora podemos afirmar: fracasso do dispositivo institucional, mas que aponta ao êxito do Real – inventando o nó borromeu, onde o objeto a não é mais efeito de um corte, mas de uma cunhagem, privilegiando aí a função do artesão, poderíamos ou deveríamos perseverar na re-petição? Não será que a elaboração do nó faz obstáculo a uma retomada simples e repetitiva do dito procedimento? Não será que diante do que foi acima exposto, e em face de cada situação, o dispositivo Institucional como proposto inicialmente precisaria ser repensado?

Então, para a Instituição, qual o dispositivo?

Considerando a história das instituições psicanalíticas e os estudos e avanços teóricos de Lacan sobre o inconsciente e fim de análise, podemos dizer que o problema de uma instituição é, primeiramente e antes de tudo, o problema das análises pessoais de cada um de seus membros. Levando-se em conta um contexto institucional onde um bom número dos colegas ainda não terminou inteiramente com o ágalma nem com a idéia do Outro, não se pode esperar que seja aí o lugar onde a palavra, em seus tropeços e seus impasses, poderá ser escutada. De alguma maneira, num momento ou outro o veredicto imaginário irá predominar e dificultar ou obturar a escuta, o que faz obstáculo a um ato do próprio sujeito. Mas como encarar esse momento estrutural de uma forma diferente daquela do procedimento clássico? E qual seria esta?

Sabemos que há coisas que o sujeito não pode dizer no espaço de sua análise, buscando um lugar outro exterior ao do tratamento. No passe, a mensagem do passante requer outra espécie de endereçamento diferente daquele que se processa no desenrolar do tratamento. Diz-nos Lacan em A Terceira:

"Quanto mais o gozo fálico está fora do corpo, mais o gozo do Outro está fora da



linguagem, fora do simbólico, pois a partir daí, a saber, a partir do momento em que se agarra o que há de mais vivo ou de mais morto na linguagem, a saber, a letra, é unicamente aí que temos acesso ao Real". J. Lacan

É apenas quando se está esvaziado de sentido que podemos apreender o Real. O Real é exatamente estrutura.<sup>24</sup> O Real é a evacuação completa de sentido. Então, se há, além disso, e principalmente, coisas que estão além do dizer, como fazer? Seria necessário instituir tal procedimento?

"O discurso analítico não tem a capacidade de promover um Outro que seja agenciado de maneira coletiva. Entretanto, essa relação particular com o Outro deve ser coletivamente concebível para permitir a possibilidade de nossos debates científicos".<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Hiltenbrand, J-P., op. cit.

<sup>26</sup> "Deveras, assim como o corpo sem fôlego está morto, assim também a fé sem obras está morta."

A questão fundamental aponta, então, para um novo modo institucional de lidar com essas questões, constituindo um "laço social novo", que consiste da implicação de cada um, numa reciprocidade onde se possa compartilhar as experiências. Ou seja, numa passagem da fé às suas obras – aludindo aqui à Carta do apóstolo Tiago<sup>26</sup> – a saída da transferência deve normalmente conduzir a um investimento de trabalho, à possibilidade de alguma coisa que valha como um ato, movido pelo entusiasmo. Portanto, dessa cunhagem, dessa inscrição, o analista dá o testemunho por sua "animação" na transmissão; a mesma animação que testemunha o desejo do analista e que torna possível levar uma análise adiante.

Assim, a transferência de trabalho verdadeira é a que sempre nos lembra que no real há saber e que esse saber supõe, inevitavelmente, um sujeito. Esse saber, no real, exclui todo sujeito suposto ao dito saber; e nos coloca a cada vez diante de nossas próprias responsabilidades, ou seja, diante do trabalho de artesão. É na medida em que o analista dá conta de sua prática, na vida institucional, ou em sua cidade, que demonstra em ato o ponto a que ele chegou, legitimando sua autorização em um reconhecimento que se desdobra.



# A constituição do sujeito: uma interpretação do conceito de transferência

Izabel Joana Dal Pont

“Aflora uma linguagem de defloramentos, um inauguração de falas.”  
Manoel de Barros

Sujeito em devir é o que emerge do processo da análise; sujeito que se constitui pela mediação de uma alteridade por meio da transferência. Uma análise só acontece se há transferência, sendo este um conceito central no constructo da psicanálise.

Pode-se pensar o sujeito da psicanálise, hoje, não mais como o da representação que se constitui no retorno do recaiado, mas como um sujeito que emerge do real pulsional, aproximando-se do sujeito/não-sujeito da filosofia contemporânea, da abertura deste a seu próprio processo de constituição, possibilitando não só à Filosofia, mas também à Psicanálise, refletir o problema da transferência como um acontecer do sujeito. Para Heidegger, a subjetividade em nossa época é empurrada para seu término. O homem, para ele, não é coisa alguma, ele apenas acontece, sendo necessário indagar-se sobre a estrutura da acontecência do sujeito, que não é outra que a estrutura do tempo desse acontecer.

Partindo da visão de que nenhuma ciência está em estado de saber por si mesma, e que para chegar à consciência de si ela necessita de um outro saber, o saber filosófico é uma via possível de análise e desconstrução de conceitos da psicanálise. A consequência dessa via, da interpretação filosófica que leva à base de um outro saber, abre para a psicanálise a possibilidade de tomar consciência dos movimentos processados na criação e elaboração de seu corpo conceitual.

A Filosofia, ao analisar o problema da verdade sobre as proposições teóricas, ao reconhecer a linguagem como instrumento, via de acesso aos objetos, passa a uma leitura de mundo através do universo simbólico. Não se chega mais diretamente às coisas, chega-se a elas pela linguagem. Na medida em que a linguagem é um processo comum a todos os seres humanos, ela faz parte do modo de ser do homem, ela possibilita a comunicação através de discursos assertóricos, de discursos que trabalham com enunciados. É possível apropriar-se de novas formas de compreensão ao se apreender os conceitos.

A clarificação dos conceitos sempre foi uma das metas da Filosofia (exemplos disso há inúmeros na história da Filosofia: os diálogos platônicos, a metafísica de Aristóteles, a lógica de Hegel). Tugendhat<sup>1</sup> situa que uma clarificação filosófica atinge seu objetivo se ela torna compreensível o emprego da palavra para alguém que ainda não dispõe da palavra e quando ela esclarece um aspecto da compreensão que nos leva a avançar no objeto de estudo.

Heidegger propôs um método capaz de desvelar o que está velado nos conceitos que usamos, o da desconstrução através da analítica existencial. Por meio dele é possível retirar, da compreensão comum, o uso que é feito do conceito, expondo o desconhecido, o que foi encoberto: uma verdade não é alcançada enquanto não se oferecer por si mesma numa outra cadeia.

Ele refere a necessidade de desconstrução da metafísica, porque essa representa um lugar de encobrimento do ser. Sempre, ao ser pensado na tradição metafísica, o ser, através do ente (idéia, substância, Deus, saber absoluto, etc.), perdeu-se a possibilidade

<sup>1</sup> TUGENDHAT, Ernst. Reflexões sobre o método da filosofia do ponto de vista analítico. *Problemata*, João Pessoa, v.1, n.1, 1998. p 9-24.

<sup>2</sup> STEIN, Ernildo. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p.165.

de sua compreensão. O homem necessita modificar a ilusão de entificar o ser, mudança essa possível se ele perceber que a temporalidade é o horizonte no qual toda a Filosofia se movimenta.

Stein<sup>2</sup> situa de forma clara esse ponto ao dizer: “A analítica existencial representa a passagem da causalidade para a existência, do caráter objetivo para a dimensão do acontecer historial. O homem, enquanto ser-aí... é um acontecer que se desdobra não como fenômeno objetivo, mas como uma história que se articula no acontecer da temporalidade”.

A conseqüência dessa nova visão, a da destruição das ontologias “objetificantes”, possibilita pensar o processo de desconstrução dos conceitos de disciplinas humanas contaminadas por uma origem metafísica, como a psicanálise. Pensamos que, ao desmontar os conceitos vazios encobridores, a psicanálise abre espaço para um novo modo de pensar o sujeito psíquico.

Freud construiu sua metapsicologia utilizando um paradigma da metafísica; sustentou sua teoria em conceitos advindos da Física, da Biologia e da Filosofia, marcada pela problemática da consciência. Ele buscou também articular o psiquismo com o substrato biológico, ora se colocando em defesa desse biologismo, ora contrário. Essas reflexões apontam a existência de inúmeras questões em aberto a serem revistas, acerca de sua metapsicologia, reforçando a relevância do trabalho de desconstrução de seus conceitos.

A psicanálise, portanto, não é um projeto finalizado sobre a construção das estruturas que sustentam seu corpo teórico, no que se refere ao psiquismo humano, o que assinala a necessidade de um olhar crítico-histórico e teórico, a fim de poder explicitar a verdadeira relação epistemológica existente. Nessa direção, retomamos conceitos centrais para a psicanálise – o da transferência e o de sujeito.

Na posição inicial, tanto de Freud quanto de Lacan, o sujeito era o da representação, o que surgia no retorno do recaiado. Havia a idéia de existir uma origem, uma estrutura, uma verdade a ser encontrada. Essa teoria é revista, e o sujeito passa a ser compreendido como aquele que emerge pela mediação de uma alteridade. É um sujeito sempre por vir, da ordem do ficcional, que se constitui no ato.

Lacan produziu um corte radical no modo de pensar o sujeito, distanciando-se da visão psicológico-filosófica do sujeito, como o da consciência. Para ele a consciência é algo que acontece para os sujeitos e não o seu produto. O sujeito é um sujeito dividido, que ex-siste na linguagem, que advirá do próprio ato da articulação significativa, isto é, na sua enunciação. O significativo é o que funda o sujeito e tem como função representá-lo.

Ao fazer a travessia do fantasma que o constituiu, o analisante assume uma nova posição com relação ao desejo do Outro. Afasta-se assim da posição de estar referido na demanda do Outro, na direção do reconhecimento de sua posição de sujeito desejante.

Quanto ao fenômeno da transferência, esse começou a ser observado por Freud através de casos clínicos (Anna O., Dora). À medida que ele avançou na compreensão, reconheceu a importância da transferência na prática clínica – ela é fundante do processo e se articula de um modo particular na análise.

Para ele, o paciente, quando percebe que as deformações do material patógeno não conseguem por si só protegê-lo das revelações do seu desejo, utiliza a deformação mediante a transferência. A resistência, identificada aqui à transferência, far-se-á sempre presente, mas, apesar de ser um obstáculo, ela é ao mesmo tempo condição para uma análise acontecer; questão essa que inquietou Freud até o fim de sua vida.

Lacan retoma a obra de Freud e analisa a transferência sob um ponto de vista estrutural. Situa a razão do seu retorno no fato de lhe inquietarem os rumos que a psicanálise estava tomando, refugiando-se num psicologismo – o homo psychologicus. Percebia que, ou as pessoas se deixariam fascinar pela fabricação de um homem alienado, ou, retomando a obra de Freud, seria possível resgatar o verdadeiro valor das teorias freudianas para o

<sup>3</sup> LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p. 879.

surgimento do sujeito da psicanálise. Ele privilegiará a linguagem como via de acesso ao inconsciente, o ato analítico se constituirá pela palavra. “O pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda operação toca na essência da linguagem”.<sup>3</sup>

Para Lacan, a transferência não é o resultado de “nenhuma propriedade misteriosa da afetividade e, mesmo quando se trai sob a aparência de emoção, esta só adquire sentido em função do momento dialético que se produz”.<sup>4</sup> Não se trata de atualizar sobre a pessoa do analista afetos, emoções, fantasias infantis; o que se atualiza é uma transferência afetada pela presença real desse analista, a quem são endereçadas demandas, pensamentos, palavras. O que surge nesse processo dialético, onde está presente tanto o desejo do analista quanto do analisante, são os modos permanentes pelos quais este constitui seus objetos.

<sup>4</sup> LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p.225.

A psicanálise, assim como a transferência, é uma experiência dialética fundada sobre a relação do sujeito ao saber inconsciente, a um saber suposto ao analista, ao “sujeito suposto saber”. Para que esse lugar seja fundado, é necessário que o analista não responda, apenas sustente a demanda que lhe é endereçada. O analista, reconhecendo que essa demanda é para um Outro – um outro suposto – não o é para sua pessoa, pois quem tem o saber inconsciente é o próprio analisante, devolve a este não a sua imagem, mas os significantes, os enunciados que o constituíram, provocando uma ruptura desse imaginário.

Acerca da repetição na transferência, há um equívoco a ser esclarecido na sua compreensão. Não se trata de uma reprodução do idêntico, de repetir com o analista uma vivência passada, mas é uma presença em ato. O passado do sujeito é um passado falado no presente, ele se funda só depois; inverte-se assim o sentido passado-presente no qual se desloca a repetição. A transferência então, como modo operatório, não tem a ver com a eficácia da repetição, mas com a escuta dos significantes que surgem na fala. O encontro que acontece na análise é sempre um encontro faltoso, e justamente por essa razão é constitutivo.

O que um analisante busca através do amor de transferência é persuadir o analista de que ele tem o que poderia vir a completá-lo, garantindo-se desse modo o seguir desconhecendo aquilo que lhe falta. As manifestações da resistência são o indício de uma dificuldade referente à relação do sujeito com seu desejo inconsciente. Há um outro ponto a ser pensado, o da resistência do analista. Não só estará em jogo na análise o desejo do analisante, mas também o desejo do analista, que é fundante do processo. O analista poderá cair do seu lugar se vai na direção de conformar o analisante à sua imagem. Se ele não renunciar ao poder com que é investido esse lugar, há o risco de deslizar pela via da sugestão. O analisante, ao resistir à sugestão, mostra a importância de sustentar seu próprio desejo; “é um desejo de manter seu desejo”. O lugar do analista é o de dejetivo, lugar do objeto a.

É justamente ao não responder a essa demanda de amor, ao recusar ser o objeto amado, ao oferecer um lugar vazio, que o analista possibilitará ao sujeito a articulação do seu desejo. Desejo que não é um bem, mas que diz respeito a uma falta. O que na verdade é desejado nessa transferência não é o Outro, mas o desejo do Outro. Ao querer captar esse desejo, o sujeito reencontra a falta onde habita esse desejo, ou seja, o objeto a.

Esse modo de pensar produziu uma virada importante no pensamento psicanalítico. O processo da análise deixou de centrar-se na identificação com o analista, que é uma identificação imaginária, para girar em torno de seu desejo. O sujeito, quando entra em análise, busca uma via de retorno ao seu narcisismo, o restaurar a plenitude narcísica. Ele imagina o analista como um ser ideal ao qual deve se identificar. Mas essa experiência de enaltecimento narcísico desaparece pela não-resposta do analista à demanda de amor do analisante.

O lugar que o analista deve ocupar é o de “sujeito suposto saber”. Saber este que não tem a ver com o cognoscitivo ou epistêmico, é um saber acerca da dimensão do desejo. Podemos pensar a constituição desse “sujeito suposto saber” em dois tempos: no primeiro tempo o sujeito imagina que existe em algum lugar um saber sobre a verdade do seu sintoma, sobre seu desejo que lhe é desconhecido, supondo que esse saber é sabido por pelo menos um sujeito: essa é a transferência como condição prévia, que já existe antes dele dirigi-la a um determinado analista. Num segundo tempo, se esse sujeito vier a

se analisar, ele fará coincidir esse “sujeito suposto saber” a seu analista, investindo o analista nesse lugar. O analista, em resposta, aceita ocupar esse lugar, mas não se toma por tal, porque ele sabe que não o é.

Para o analista aceder ao seu lugar, é necessário que ele tenha se defrontado com a ordem constituinte do desejo. Desejo do analista não é algo da ordem do conceito de contratransferência. É onde termina o conceito de transferência recíproca que este se situa; a disparidade subjetiva é que funda o saber inconsciente. Reside aqui a importância da análise do analista, para que ele possa despojar-se da imagem narcísica do seu eu, reconhecendo que o que falta ao analisante não é o que ele tem. Desejo do analista tem relação com o desejo de ocupar o lugar de ser o suporte da transferência dos analisantes.

Ao ser pensado o sujeito como aquele em infinita construção, retira-se o estatuto da origem, de uma estrutura acabada, abrindo a possibilidade de trabalho com estruturas clínicas antes consideradas não-passíveis de uma análise. O processo analítico propicia ao sujeito, ao distanciar-se das marcas da complexa tessitura da história que o constituiu, ir ao encontro de sua posição desejante. Modifica assim o posicionamento do sujeito diante do que ele construiu como história para se sustentar, que faz dessa história um velamento de outra história. O sujeito inconsciente emerge pela destituição da figura substancial de um sujeito confundido com o Eu. Similar a essa formulação encontramos em Heidegger que o Dasein surge pelo esgotamento das possibilidades de essência dessa figura substancial.

A psicanálise, ao ampliar o conceito de sujeito, sujeito esse a-substancial, da ordem do ficcional, coloca em questão o sujeito do pensamento filosófico da tradição metafísica ocidental, cujo paradigma sustenta-se na teoria da representação e do objeto. Essa nova visão: da produção do sujeito pela transferência, pode ser pensada como matriz de uma nova “identidade”, na qual o sujeito aparece na verdade do seu desejo, colocando para a Filosofia uma possibilidade de repensar a formulação dos conceitos de singularidade e identidade, da referência a um sujeito unificado numa identidade.

Pensamos ser viável, mesmo reconhecendo serem universos conceituais distintos, uma interlocução entre a

Filosofia e a Psicanálise, na medida em que esse sujeito, ora pensado pela psicanálise, aproxima-se ao pensamento filosófico da abertura do sujeito para seu próprio processo de constituição.

Stein propõe um caminho para a Filosofia vir a compreender esse devir-sujeito da singularidade: o fazer uso de uma linguagem filosófica não objetificadora, “em que se celebra um acontecimento no qual o indivíduo humano é pensado como ser-no-mundo e como ser-aí (Dasein)”.<sup>5</sup> Para Heidegger, no dizer eu, o ser-aí se pronuncia como ser-no-mundo.

<sup>5</sup> STEIN, Ernildo, op. cit., p. 242.

Ser-no-mundo e ser-aí representam o corte, a ruptura com a idéia da metafísica de que todos os enigmas da Filosofia estariam resolvidos por uma resposta objetiva sobre a origem e o fim do ser e dos entes. Dessa forma, há uma possibilidade de a Filosofia vir a assimilar, apesar de seu conceito de “eu” metafísico, o que traz a psicanálise acerca do sujeito que emerge na transferência, abrindo caminho para a compreensão do devir-sujeito.

## Grão para moer ou o trabalho do sonho<sup>1</sup> Roland Chemama

Durante o período de preparação da jornada, *Significante, letra e objeto*, havíamos evocado a possibilidade de tratar da questão bem-específica do sonho.

Isso me parecia uma excelente idéia por duas razões. A primeira se refere à nossa prática clínica. Sei bem que muitos colegas insistem no fato de que o trabalho sobre o significante pode ser feito a partir de não importa qual fragmento do discurso. Entretanto, penso que a análise dos sonhos conserva um valor bastante particular. Acontece com frequência, em uma análise, que um analisante tente recusar o plano do significante ficando no nível do enunciado. Em contrapartida, quando o significante aparece em um sonho, já com uma dimensão de enigma, ele chegará mais facilmente ao além da aparente significação. Dessa forma, o sonho pode conduzir o sujeito a se situar de maneira diferente em relação à própria fala. Aliás, é uma condição necessária para que se diferenciem ao mesmo tempo as dimensões da letra e do objeto.

A segunda razão, para dar um lugar particular ao sonho, parece-me ligada à ambigüidade voluntária do título da jornada. Quando dizemos, *significante, letra, objeto*, com o que trabalhamos? trata-se de nossa prática clínica e de nosso trabalho teórico. Mas isso, aliás, não podemos conceber como uma tentativa que em nada nos implicaria. As questões que colocamos inicialmente nós as encontramos em nosso próprio tratamento, ou na retomada desse tratamento que se dá quando ensinamos, se ao menos, como Lacan, o fazemos a título de analisantes. Em suma, o que nos permite trabalhar é antes o que nos trabalha.

O sonho tem a esse respeito um lugar privilegiado. Geralmente concordamos com a idéia de que há um trabalho do sonho através do qual o desejo inconsciente se faz ouvir ao se dissimular. E sabemos também – conforme a *Traumdeutung* – que esse trabalho, quando se opera em um analista, pode em certas condições orientar sua teoria.

Então, vocês já compreenderam o porquê de todas essas precauções, hoje colocarei minhas questões a partir de um de meus sonhos, um sonho que tive em circunstâncias que vou precisar em seguida e que vocês verão que elas incluem de saída um caráter público. Deixarei de lado o que é mais particular. Com efeito, de saída, eu queria dispor de um texto bem preciso para articular alguns elementos estruturais e não queria mais uma vez retomar um caso clássico da literatura analítica, nem solicitar excessivamente um sonho de um analisante.

Bem, inicialmente, as circunstâncias do sonho. Eu me encontrava, no último verão, na cidade de São Luís do Maranhão, no Brasil. A pedido de um grupo de simpáticos colegas que trabalham muito, tinha falado, durante todo o dia, da questão do pai real. Estava centrado nos Seminários 4 e 5 de Lacan. Ali o pai real é diferenciado do pai imaginário, essa figura bondosa ou aterrorizante que deve se opor à onipotência da mãe. Também é distinguido, certamente, do pai simbólico, aquele que está encarregado de representar a dimensão da lei. É designado como o agente da castração mas não apenas isso. O pai real, diz Lacan, é aquele que possui o trunfo, e que pode dá-lo à mãe. É porque há um pai real que o sujeito pode, por identificação, ter pelo menos os títulos no bolso. Existe a promessa de que um dia ele o terá, quer ele o dê, quer ele o receba.

Evidentemente esse tema não é fácil, tanto que Lacan, na época desses Seminários, ainda não tem em mãos todos os elementos que seriam essenciais. No fundo, trata-se de mostrar que o pai não é apenas aquele que interdita, mas também aquele que autoriza o desejo, e até mesmo aquele que prescreve um certo gozo. Ora, se os Seminários 4 e 5

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na jornada *Significante, letra, objeto*, em Paris, dezembro 2003. No título original encontramos *Du grain à moudre*, que, no sentido figurado, significa algo para pensar sobre, ocupar-se com, concentrar-se em alguma coisa. Também, *avoir du grain à moudre* significa ter elementos para utilizar e daí tirar proveito. N. T.

incluem uma teoria da função do falo, aquela do objeto a ainda não foi produzida, uma vez que esta parece indispensável para tratar, mais adiante, da questão do pai. No limite, nesse dia eu tivera que levar as coisas até a evocação do que Lacan pôde dizer da pèrversion: um pai, dirá ele em uma fórmula mais complexa do que parece, um pai só tem direito ao respeito ou ao amor se o dito respeito é pere-versamente orientado, quer dizer, faz de uma mulher objeto a que causa seu desejo.

Em suma, numerosas questões haviam sido colocadas, e eu havia tentado respondê-las como podia. Mas talvez eu não estivesse completamente satisfeito com minhas respostas. Em todo caso, na noite seguinte, eu tive um sonho que, segundo me parece, retomava tudo isso.

Eis então o sonho. Encontro-me com alguém chamado X, alguém que ajudou a me orientar em um momento em que não via muito claro, alguém cujos textos me marcaram. X está de pé na minha frente com um pacote de folhas na mão. São folhas brancas de formato quadrado. Trata-se sem dúvida de uma de suas obras, mas eu não chego a ler. X está brabo. Mas como! Isso é tudo o que você faz com o que eu escrevo? Por que não faz melhor uso disso! Em um segundo tempo, o documento se encontra entre minhas mãos e X tem um gesto curioso: derrama sal no meio do pacote de folhas. Eis aí, isso é tudo.

Enfim, não inteiramente. Creio ser preciso acrescentar ao relato do sonho um lapso cometido ao contar o sonho para uma amiga, aliás, ao contá-lo em português. Em vez de dizer sal (sel), eu disse areia (sable). O mais curioso é que não utilizo muito a palavra areia. O que quer que seja, penso que se pode considerar que esse lapso faz parte do próprio texto do sonho. Ou, pelo menos, vocês o verão, é essencial para o sonho que haja aqui, de uma certa maneira, um objeto não-identificado. Com efeito, não é certo que dizendo areia eu tenha pensado em grãos de sal.

Apesar disso, penso que posso partir do que me ocorreu ao despertar, antes de cometer o lapso. Lembrei-me do contexto no qual eu sonhara essas questões sobre o pai real, e tive a certeza de que o sonho lhes dava continuidade. E, ao mesmo tempo, me veio uma expressão: “meter seu grão de sal”.<sup>2</sup> Então, o que pensar de tudo isso?

Para mim é evidente que X, que se mostra muito furioso, desempenha aqui o papel de pai real. Ele me pede para trabalhar mais, o que só poderia retardar meu próprio prazer. Mas certamente não é tudo. Há também as folhas que ele me estende. Eu sei que aí está escrito alguma coisa, mas não posso lê-las. Creio saber, no sonho, que isso concerne a questões teóricas e mesmo filosóficas. Mas, evidentemente, também é quase o texto da Lei, a lei simbólica da qual falei na véspera. Poderia acrescentar que esse X está sem dúvida aí no lugar de toda uma série de outros pais imaginários, mas deixemos isso.

Voltemos então ao que no sonho é o mais singular. Trata-se aqui de uma figura do pai, por que ele vem acrescentar seu grão de sal? Essa expressão pode fazer rir, ela também pode parecer irreverente. Com efeito, “meter seu grão de sal” tem um lado pejorativo. Mas talvez antes de julgar seja preciso, primeiro, sublinhar que se trata, precisamente, de uma expressão. Como se isso viesse demonstrar que, do pai real, eu só poderia falar de maneira metafórica.

Pois bem, fiquemos na metáfora. Lacan fala do pai real, mas nas mesmas passagens ele também diz ser preciso existir um real do simbolismo. Digamos que uma lei escrita não é suficiente. Ela só funciona se em uma configuração familiar leva o sabor que lhe pôde dar o pai singular que preencheu, à sua maneira, a função que é a sua.

Será que o sonho diz do de que é feito esse sabor? Vocês sabem que o campo metafórico do termo “sal” é bastante extenso. Isso vai desde o que é mais sagrado – o “sal da terra” que é uma expressão bíblica, ao que é mais trivial, digamos, o mais salgado. Mas talvez seja melhor não se afastar muito da expressão que me veio, a expressão meter (mettre), ou melhor, acrescentar (ajouter), seu grão de sal. Acima de tudo, esse ato pode perfeitamente ser ouvido como uma maneira de não se deixar prender pelas convenções, de fazer um pouco à sua maneira, em suma, realizar o que de acordo conosco realiza o pai

<sup>2</sup> Mettre son grain de sel também é uma locução familiar que significa intervir, meter-se de maneira inapropriada em uma conversação ou em um negócio. Em português corresponde a “meter a colher onde não é chamado”. N. T.



real: um franqueamento autorizado dos limites. É preciso dizer que X não se incomoda muito.

Será preciso acrescentar que, se o pai mete seu grão de sal, o filho também pode metê-lo? Deixarei de lado certas associações mais pessoais que para mim têm o sabor mais apurado. Em contrapartida, passando do sal (sel) à areia (sable), eu me contentarei em dizer que estava previsto que eu fosse, dois dias após esse sonho, visitar os “lençóis” do Estado do Maranhão. Trata-se de vastas extensões de areia, uma areia branca com lagunas de água da chuva filtradas pelas dunas e que são muito claras. Quanto à palavra “lençóis” ela designa comumente les draps d’un lit (lençóis).

Entretanto, não posso ficar nisso. Quando falei em grão de areia também tive de reconhecer, ao mesmo tempo, que um grão de areia é o que perturba um funcionamento. E, então, assim que me dei conta de que não sabia se eu tinha relação com a areia ou com o sal, disse para mim mesmo que esse objeto não identificado valia, sobretudo, como uma coisinha que escorrega entre os dedos, objeto reduzido a seu ser mais tênue, à poeira ou à cinza. Aqui não posso deixar de evocar uma outra questão que tínhamos falado durante a jornada de estudo. Como Lacan, em seus Seminários, também fala do pai da horda primitiva, nos interrogamos sobre esse pai que escapa à castração. Um pai do qual não há representação, um pai que também é o pai morto.

Eis, então, um sonho que constitui, entre outros, uma tentativa de responder a algumas questões analíticas. Será que agora posso me servir dele para colocar outras questões analíticas, que dessa vez vão se referir mais diretamente ao significante, à letra e ao objeto?

Inicialmente, vê-se bem o que poderia ser retomado quanto ao significante. Penso em particular, a partir desse sonho, na questão da locução sobre a qual, há muito tempo, eu havia trabalhado a respeito da interpretação. Tinha me referido, a partir de um exemplo particular, ao que Lacan diz quando examina o que vale como unidade significativa. Em particular, ele a encontra em enunciados, tais como provérbios ou locuções, por exemplo. É verdade que freqüentemente, quando o sonhador fala de seu sonho, lhe ocorre, a partir das palavras do sonho, locuções que têm mais significantes do que se poderia acreditar.

Aliás, qual é o valor do que se apresenta aqui? Essas locuções dão seguidamente uma impressão de liberação, um pouco à maneira dos ditos espirituosos, que condensam em uma fórmula fechada as respostas que o sujeito tenta articular a duras penas. Mas também se poderia suspeitar serem respostas muito fáceis. Sem dúvida, não é um acaso se Lacan toma em Ainda o exemplo da expressão “aos borbotões”.<sup>3</sup> Locuções, a partir de uma palavra qualquer, podem vir aos borbotões.

Então, evidentemente, essa abundância coloca uma questão: será que aqui não estaríamos na esfera do sentido, com o risco de sempre poder acrescentar um sentido? Não forçosamente. Esse risco certamente existe quando a fala desliza na racionalização ou no gratuito jogo de palavras. Mas a experiência analítica também nos mostra que uma locução pode se impor com uma dimensão de verdade.

Aqui estamos no nível do que Freud chamava idéia incidente, que em alemão se diz Einfall, palavra que contém a idéia de alguma coisa que cai.

Por que será que sublinho essa conotação? É porque ela pode nos fazer passar do significante à letra. Entendemos por letra aquilo que, por uma razão ou outra, pôde cair da fala, destacar-se e tomar por isso mesmo uma dimensão inconsciente. E, então, uma locução, um provérbio, de uma certa maneira, também é destacado da fala. Essas formas verbais não podem ser simplesmente ouvidas no fio da significação que o locutor quer enunciar. Para se convencer disso, basta lembrar que elas têm uma forma relativamente fixa. O exemplo que eu havia utilizado há alguns anos, também em relação à análise de um sonho, era a expressão “você está mordido” (vous êtes mordu). Se digo para alguém “você está mordido”, digo alguma coisa que não poderia lhe dizer de outra forma. Há uma identidade própria da locução que pode permitir passar da dimensão do significante àquela da letra.

<sup>3</sup> Em francês à tire-larigot. Chemama também cita essa expressão em seu livro Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano. Porto Alegre: CMC Editora, 2002, p. 209, ao examinar as locuções e os provérbios que nada mais querem dizer do que a subversão do desejo. N.

Retomando meu sonho, chego então mais especificamente à questão da letra. Aparentemente, o elemento literal não está claramente presente. Mas dizer as coisas dessa forma seria, sem dúvida, ter uma percepção bem-estreita daquilo que vale como letra. Ao menos, não valeria mais reconhecer a dimensão da escritura em toda produção do inconsciente? Com efeito, Lacan, em *Ainda*, diz de maneira bem clara que aquilo que se trata no discurso analítico é sempre isso: ao que se enuncia de significante, vocês dão uma outra leitura do que ele significa. Em síntese, já tem isso: somos nós, por exemplo, que ao ler um sonho damos valor de escrito – um escrito que pode ter uma outra leitura do que era um significante.

Mas eu gostaria de acrescentar ainda uma coisa: nesse mesmo capítulo de *Ainda*, Lacan de forma alguma reduz o que ele chama de letra à letra do alfabeto. Dessa forma, ele dá o exemplo de alguma coisa que para ele vale como uma letra, e que é um signo lógico que Nicolas Bourbaki coloca no início de sua “Teoria dos conjuntos”. Esse signo é um quadradinho, e esse quadrado designa a função-lugar. Frequentemente me toca quando um analisante encontra um sonho no qual essa dimensão do lugar está implicada. Em todo caso, em meu sonho, observo o formato das folhas de papel, e não insistirei no fato de que se trata precisamente desse formato quadrado. Será que aqui não teríamos uma letra na medida em que ela viria a designar um lugar?

Mas então, o lugar do quê? Evidentemente dissera que sem dúvida essas folhas de papel contêm o texto da lei. Mas não chego a lê-lo. Em contrapartida, a partir do momento em que falo de um quadrado branco não posso evitar de pensar no que conota para mim, na época em que eu era criança, nos programas de televisão: um espetáculo do qual eu era privado, uma vez que concernia a um gozo reservado aos adultos.

E o que dizer agora do objeto que vem nesse lugar, esse objeto particular ao qual dei vários nomes: grão de sal (*grain de sel*), grão de areia (*grain de sable*), poeira (*poussière*), cinza (*cendre*)? Sem dúvida não corresponde a algum dos familiares objetos do mundo. Desliza entre as páginas do texto, mas não sei nada sobre o que isso vai se tornar. É inapreensível e de uma certa maneira irrepresentável.

Quando escolhemos o título da jornada Significante, letra, objeto, sem dúvida entendíamos por objeto o objeto a lacaniano. Mas este mesmo, sob que forma ele aparece, uma vez que não podemos dar-lhe representação? Não é porque um seio aparece em um sonho que exista aí um objeto a. Em contrapartida, o sonho fornece muito bem o acesso a um real do objeto que não se confunde com uma positividade. Trata-se antes do que fica quando se desvanece a dimensão da especularidade, da boa forma, do universo que conhecemos e que nos tranqüiliza. Também poderia ter remetido ao sonho da “Injeção em Irma”, no qual o real da garganta examinada se apresenta sob uma forma bem-impressionante, mas trata-se um pouco da mesma coisa.

Uma última observação, se me permitem, antes de parar. Parar, pois creio que não concluirei. No seminário que estudamos este ano, *A lógica do fantasma*, Lacan se pergunta – é quase no final: por que falamos de desejo inconsciente quando nada, a princípio, deve ser mais consciente que o desejo? Vocês vêem que ele não teme questionar aquilo que se poderia considerar o mais evidente! Bem, responde ele, se se pode falar de desejo inconsciente, é porque é o desejo do Outro. Dito de outra forma, só posso desejar o que antes é o objeto de desejo no Outro, e é nisso que meu desejo vai ser inconsciente. Aliás, é isso também que nega o sujeito moderno, pois esse gostaria de dispensar o Outro para aceder diretamente a um objeto de gozo.

Em meu sonho certamente mantenho a dimensão do Outro, esse texto do qual nada sei, mas em cujas páginas um objeto deve deslizar. Somente salientaria para enlaçar as coisas, e para tanto preciso invocar uma dimensão paterna. Não posso passar sem ela. Será o ponto onde estou? Ou então será que era apenas relativo ao mês de agosto passado e às circunstâncias que evoquei? Em todo caso, hoje eu quis tentar me interrogar sobre a maneira como o sonho pode retomar esse tipo de questão, articulando à sua maneira significante, letra e objeto.

Para ir rápido, me apoiarei aqui em dois fragmentos do Seminário de Lacan sobre *A lógica do fantasma*, Seminário que estudamos mais particularmente neste ano. São

passagens nas quais Lacan retoma a idéia freudiana do inconsciente como constituído por representações de coisas. Não é absolutamente um obstáculo, diz ele em 11 de janeiro de 1967, que o inconsciente seja constituído como uma linguagem. Como compreendê-lo?

Pois bem, Lacan retornará a isso em 18 de janeiro de 1967. Lembrará os mecanismos do sonho, da condensação e do deslocamento, que fazem com que o eu, no sonho, esteja completamente disperso. Em suma, se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, isso produz um efeito de cissura<sup>4</sup>, e inicialmente de cissura do sujeito. Mas parece, nas linhas que se seguem, explicar também o que é o objeto ao qual o sonho dá um certo tipo de acesso: os sinais do sonho, *Sachvorstellungen*, constituem relações, “coisas de encontro” que, assim como os significantes na fala, desempenham, uns em relação aos outros, uma função de remissão.

Evidentemente sabemos que o objeto a não é, por exemplo, um seio concreto e apreensível.

<sup>4</sup> Em francês *césure*. Cf. *Le petit Robert*, tem a mesma raiz de *coupe* (corte) ou *couper* (cortar). Também significa o repouso no interior de um verso após uma sílaba tônica. A cissura corta o verso, marcando a cadência. N.T.

Tradução: Conceição Beltrão Fleig



# O sintoma<sup>1</sup>

Jacques Lacan

Eu não começarei sem agradecer a Olivier Flournoy por ter-me convidado para vir aqui, o que me dá o privilégio de lhes falar.

Pareceu-me que, desde o tempo em que pratico, eu lhes devia ao menos uma palavra de explicação – uma palavra de explicação pelo fato que inicialmente eu pratiquei, e, então um dia, eu me coloquei a ensinar.

Eu não tinha verdadeiramente nenhuma necessidade de ensinar. Eu o fiz em um momento em que se fundou o que se chama desde então o Institut psychanalytique de Paris, – fundado sob o signo da ocupação por alguém que não tinha, Deus meu, verdadeiramente título para desempenhar esse papel. Eu o fiz unicamente porque nesse momento, que era de crise – era, em suma, a instauração de uma espécie de ditadura –, uma parte dessas pessoas, desses psicanalistas, que saíam da guerra – levaram mesmo oito anos para sair disso, pois essa fundação é de 1953 – alguns me pediram para tomar a palavra.

Havia então em Sainte-Anne um professor de psiquiatria, que me convidara ainda quando eu era acadêmico. Ele tinha sido, pelo que se diz, psicanalisado por ele mesmo, mas em verdade sua Juventude de André Gide<sup>2</sup> não dá testemunho disso, e ele não era tão entusiasta para desempenhar um tal papel na psicanálise. Ele também ficou muito contente, ao final de dez anos, não em me demitir, pois fui antes eu que lhe dei demissão, mas de me ver partir.

Nesse momento, uma nova crise se declarava, se sustentava, meu Deus, em um tipo de aspiração com uma espécie de barulho de buraco, que se fazia em nível da International. Está aí alguma coisa que Joyce, que está na ordem do dia de minhas preocupações no momento, simboliza pela palavra inglesa suck<sup>3</sup> – que é o barulho que faz a descarga no momento em que é puxada, e onde a água é tragada pelo buraco.

É uma metáfora muito boa para a função dessa International tal como a quis Freud. É preciso lembrar que está no pensamento logo após seu desaparecimento, que nada podia garantir que seu pensamento seria salvaguardado, mesmo que ele o tivesse confiado a ninguém menos que sua própria filha. Não se pode dizer, não é, que a dita filha esteja na mesma linha do próprio Freud. Os mecanismos ditos de defesa que ela produziu não me parecem ser absolutamente o testemunho de que ela estava na direção certa das coisas; muito longe disso.

Então me aconteceu de começar em 1953 um seminário, que alguns dentre vocês, me diz Olivier Flournoy, freqüentaram. Esse seminário não é outro senão a compilação que deixei nas mãos de alguém que se chama Jacques-Alain Miller, e que me é bastante próximo. Eu o deixei em suas mãos porque esse seminário estava um pouco distante de mim, e se eu o tivesse relido, eu o teria reescrito, ou pelo menos, eu o teria escrito mais curto.

Escrever não é de modo algum a mesma coisa, nem um pouco parecido com o dizer, como eu o ilustrarei mais adiante. Acontece que, durante o tempo em que eu estava em Sainte-Anne, eu quis que alguma coisa ficasse do que eu dizia. Editava-se nesse momento uma revista em que, falando francamente, eu escrevia. Fiz a compilação de um certo número de artigos publicados por essa revista. Como eu também tinha escrito um

<sup>1</sup> A conferência anunciada sob o título "Le symptôme" foi proferida no Centro R. Saussure em Genebra, em 4 de outubro de 1975, no programa de um fim de semana de trabalho organizado pela Société suisse de psychanalyse. Foi aberta por M. Olivier Flournoy e publicada em Le Bloc–notes de la psychanalyse, 1985, n. 5, p. 5-23.

<sup>2</sup> O autor refere-se ao livro de Jean Delay. A respeito desse mesmo livro, podemos ler nos Escritos "Juventude de Gide ou a letra e o desejo". N.R.T.

<sup>3</sup> Suck, também, como gíria, se refere a alguma coisa que incomoda. Literalmente seria it sucks, isto enche o

bom número de coisas antes, a metade dessa compilação comporta esses escritos anteriores – que são, propriamente falando, escritos, de onde vem meu título, Escritos simplesmente. Esse título escandalizou um pouco uma pessoa de minhas relações, que era uma encantadora jovem japonesa. É provável que a ressonância da palavra Escritos não seja a mesma em japonês e em francês. Simplesmente por Escrito eu queria assinalar que era, de algum modo, o resíduo de meu ensino.

Eu publicava então, na revista *La Psychanalyse*, aproximadamente uma vez por ano, um escrito que estava destinado a conservar alguma coisa do turbilhão que minha fala tinha engendrado, guardando um conjunto ao qual se poderia reportar. Eu o fazia dentro do espírito que, acima de tudo, isso poderia me servir de referência na *International*. Bem-entendido, essa jovem desdenha bastante de todos os escritos – e acima de tudo, ela tem razão, pois a psicanálise é completamente outra coisa que escritos. Entretanto, talvez não seja ruim que o analista dê algum testemunho de que sabe o que faz. Se ele faz alguma coisa, não seria talvez demais esperar que, disso que ele faz, de alguma maneira ele o testemunhe.

Não seria demais esperar que, sobre o que ele faz, ele pense. Ele pensa de tempos em tempos. Ele pensa algumas vezes. Isso não é absolutamente obrigatório. Eu não dou uma conotação de valor ao termo pensar. Eu diria até mais – se há alguma coisa que introduzi, essa é bem de natureza a tranquilizar o analista, no que se poderia dizer seu automatismo. Penso que o pensamento é, no final das contas, viscoso. E os psicanalistas o sabem melhor que ninguém. É algo viscoso em alguma coisa que especifiquei no que chamo de o imaginário, e toda uma tradição filosófica se deu conta disso muito bem. Se o homem – dizer isso parece uma banalidade – não tivesse o que chamamos um corpo, não vou dizer que ele não pensaria, pois isso é óbvio, mas ele não seria profundamente captado pela imagem desse corpo.

O homem é captado pela imagem de seu corpo. Esse ponto explica muitas coisas e, inicialmente, o privilégio que tem para ele essa imagem. Seu mundo, se é que essa palavra tem um sentido, seu *Umwelt*, o que há ao redor dele, ele o corpo-reifica,<sup>4</sup> ele o torna coisa à imagem de seu corpo. Ele não tem a menor idéia, certamente, do que se passa nesse corpo. Como é que um corpo sobrevive? Eu não sei se isso os toca por pouco que seja – se vocês se ferem, bem, isso se arranja. É também muito surpreendente, nem mais nem menos, como no caso do lagarto que perde sua cauda e a reconstitui. É exatamente da mesma ordem.

É pela via do olhar, ao qual há pouco Olivier Flournoy fez referência, que esse corpo toma forma. A maior parte – mas não tudo – do que o homem pensa se enraíza aí. É verdadeiramente muito difícil para um analista, considerando com o que ele lida, de não ser aspirado – do mesmo modo como eu o ouvia há pouco – pelo *glugluglu* dessa fuga, dessa coisa que o capta, no final das contas, narcisicamente, no discurso desse que Olivier Flournoy chamou nesse momento – eu o lamento – o analisado. Eu o lamento porque enfim há um momento em que o termo analisante que eu um dia proferi em meu seminário, teve o direito de cidadania. Não somente em minha *École* – eu não atribuirei a isso senão uma importância relativa, relativa a mim –, mas isso produziu uma espécie de clarão na mesma semana em que eu o havia proferido, esse analisante. O *Institut psychanalytique* de Paris que está bem a par de tudo o que eu relato – eu diria até mais, o que digo é o principal do que se ensina lá – esse instituto se deleitou com esse analisante que lhe servia como uma luva, o que não seria somente para isentar o analista de ser o responsável pela análise na circunstância.

Eu devo dizer que, quando introduzi essa coisa, eu apenas parodiava – se posso me exprimir assim, posto que toda uma tradição é da ordem da paródia – o termo *analysand* que é usual na língua inglesa. Certamente, esse não é estritamente equivalente ao francês. *Analysand* evoca mais o que está para ser analisado, o que não é absolutamente o que eu queria dizer. O que eu queria dizer era que, na análise é a pessoa que vem verdadeiramente formular uma demanda de análise, é quem trabalha. Com a condição de que você não a tenha posto imediatamente no divã, nesse caso está ralado. É indispensável que essa

<sup>4</sup> Neologismo de Lacan a partir de corpo + reificar, que significa tornar algo uma coisa (em latim *res*, rei). N.R.T.

demanda tenha verdadeiramente tomado forma antes que você a tivesse deitado. Quando você lhe diz para começar – e isto não deve ser nem a primeira, nem a segunda vez, ao menos se você quer se comportar dignamente –, a pessoa, então, que fez essa demanda de análise, quando ela começa o trabalho, é ela que trabalha. Você não pode de modo algum considerá-la como alguém a quem você deve modelar. É bem o contrário. Que é que você faz aí? Essa questão é tudo pelo qual me interrogo desde que comecei.

Eu comecei, Deus meu, eu direi – muito tolamente. Quero dizer que eu não sabia o que fazia, como a seqüência o provou – provou aos meus olhos. Não teria eu olhado para isso mais de uma vez, se tivesse sabido em que me metia? Isso me parece certo. É bem por essa razão que, no último termo, isto é, no último ponto em que cheguei na retomada de 1967, em outubro, instituí essa coisa que consiste em fazer que, quando alguém se coloca como analista, somente ele possa fazê-lo. Isso me parece de primeira ordem.

Quando alguém se coloca como analista, ele é livre nessa espécie de inauguração, que eu fiz então e que chamei de Proposição. Ele é livre e também pode não fazê-lo, e guardar as coisas para ele, mas também é livre para se oferecer a essa prova de vir a confiá-las a pessoas que escolhi propositadamente por estarem exatamente no mesmo ponto que ele.

É evidente, com efeito, que se é para um mais velho, para um titularizado, e mesmo um didata como se fala, a quem ele vai se endereçar, pode-se estar certo que seu testemunho não chegará ao cerne da questão. Isso porque inicialmente ele sabe muito bem que o pobre cretino, ao qual ele se endereça, já tem tanta corrida que não sabe absolutamente, assim como eu, porque se engajou nessa profissão de analista. Eu me lembro um pouco disso e me arrependo. Mas, para a maioria, eles se esqueceram disso totalmente. Eles só vêem sua posição de autoridade, e nessas condições, tenta-se acertar o passo com aquele que tem a autoridade, quer dizer, mente-se simplesmente. Então tentei fazer com que seja sempre para os iniciantes como eles na função de analista, que eles se enderecem.

Apesar de tudo conservei – é preciso sempre evitar inovar, esse não é meu gênero, nunca inovei em nada – uma espécie de júri que é feito com o consentimento de todos. Não há nada tão surpreendente como isso – se vocês elegem um júri qualquer, se vocês fazem a votação, votar com voto secreto, o que sai é o nome de gente já perfeitamente bem situada. A massa quer líderes. Já é muito bom quando ela não quer um único. Então a massa que quer líderes elege líderes que já estão aí pelo próprio funcionamento das coisas. É diante desse júri que vêm testemunhar os que receberam o testemunho dos que querem ser analistas.

No espírito de minha “Proposição”, essa operação é feita para esclarecer o que se passa nesse momento. É exatamente o que Freud nos diz – quando temos um caso, o que se chama um caso, em análise, ele nos recomenda de não colocá-lo antecipadamente em uma casa.<sup>5</sup> Ele queria que escutássemos, se posso dizer, com toda a independência dos conhecimentos adquiridos por nós, que percebamos com quem estamos lidando, para saber a particularidade do caso. É muito difícil, porque o normal da experiência é evidentemente enquadrar. É-nos muito difícil, a nós analistas, homens ou mulheres de experiência, não julgar no caso em andamento e elaborar sua análise, sem nos remetermos a outros casos. Qualquer que seja nossa pretensa liberdade – pois nessa liberdade é impossível acreditar –, é claro que não podemos nos livrar do que seja nossa experiência. Freud insiste muito sobre isso, e se isso fosse compreendido daria talvez o caminho em direção a um outro modo de intervenção. Mas isso não pode ser.

Foi então nesse espírito que eu quis que alguém que está no mesmo nível daquele que dá esse passo dê testemunho. É, em suma, para nos esclarecer. Acontece que, de tempos em tempos, alguém traz um depoimento que tem o caráter – isso, isso se reconhece apesar de tudo – de autenticidade. Então eu previ que essa pessoa seria incluída ao nível das pessoas que, se supõe, pensam no que fazem, de modo a fazer uma triagem. O que é que resulta imediatamente? Certamente resultou em um outro modo de seleção. Quer dizer que uma pessoa que testemunhou com toda a honestidade sobre o que ela fez em

<sup>5</sup> Lacan faz um jogo de palavras entre cas (caso) e casier (compartimento), este também utilizado para móveis com repartições. N.R.T.

sua análise dita didática só depois, sente-se recusada se, em seguida desse testemunho, ela não faz parte dele. Por isso tentei aumentar o grupo dos que são capazes de refletir um pouco sobre o que eles fazem. Elas se sentem depreciadas, ainda que eu faça de tudo para que não seja este o caso. Tento explicar-lhes o que seus testemunhos nos trouxeram, um certo modo de entrar na análise após ter se formado naquilo que é exigível. O que é exigível é evidentemente ter passado por essa experiência. Como transmiti-la se não submeteu a si próprio à experiência? Enfim, é isso!

Eu gostaria de evocar aqui a fórmula de Freud do *Soll ich werden*,<sup>6</sup> a qual eu mais

<sup>6</sup> Eu devo advir. N.R.T.

<sup>7</sup> Há uma falha de transcrição nesse momento da conferência.

de uma vez evidenciei.<sup>7</sup> *Werden*, o que isso quer dizer? É muito difícil traduzi-lo. Vai em direção a alguma coisa. Essa alguma coisa é o *den*? O *werden*, é um verdejamento? O que há no *devir* alemão? Cada língua tem seu gênio, e traduzir *werden* por *devenir* só tem verdadeiramente alcance no que ele já tem do *den* no *devir*. É alguma coisa da ordem do desprovimento, se se pode dizer assim. O desprovimento não é a mesma coisa que desenlaçamento. Mas deixemos isso em suspenso.

Trata de ter a dimensão do fato que Freud – coisa muito surpreendente da parte de um homem tão verdadeiramente prático – só valorizou no primeiro momento de sua obra. Nessa primeira etapa que vai quase até 1914, antes da primeira guerra – em sua *Traumdeutung*, em sua *Psicopatologia da vida dita cotidiana*, e no seu *Dito* espirituoso mais particularmente. Ele valorizou isso, e o surpreendente não é que ele não a tenha provado, é que sua hipótese do *Unbewusstsein*, do inconsciente, bem, se se pode dizê-lo, ele mal a nomeou.

O inconsciente não é simplesmente esse ser não sabido. O próprio Freud já o formula dizendo *Bewusst*. Eu aproveito aqui a língua alemã, em que se pode estabelecer uma relação entre *Bewusst* e *Wissen*. Na língua alemã, o consciente da consciência se formula como o que é verdadeiramente, quer dizer: o gozo de um saber. O que Freud trouxe é isso, que não há necessidade de saber que se sabe para gozar de um saber.

Tocamos então nessa experiência que fazemos todos os dias. Se o que falamos é verdade, se é em uma etapa precoce que se cristaliza para a criança o que é preciso chamar por seu nome, a saber, os sintomas, se a época da infância é por isso bem decisiva, como não ligar esse fato à maneira pela qual analisamos os sonhos e os atos falhos? – Eu não falo dos ditos espirituosos, completamente fora do alcance dos analistas, que não têm naturalmente a menor espirituosidade. É de Freud, mas isso prova que, apesar de tudo, Freud deve ter percebido que o enunciado de um ato falho só tem valor com as explicações de um sujeito. Como interpretar um ato falho? Estar-se-ia no escuro total se o sujeito não dissesse a este propósito uma ou duas coisinhas, que lhe permitisse dizer – mas enfim, quando você tirou sua chave do bolso para entrar em minha casa, do analista, isso tem apesar de tudo um sentido – e conforme seu estado de adiantamento se lhe explicará o sentido sob vários títulos – seja pelo fato que ele crê estar em casa, ou que ele deseja estar em casa, ou mesmo indo mais longe, pelo fato que introduzir a chave na fechadura prova alguma coisa que sustenta o simbolismo da fechadura e da chave. O simbolismo da *Traumdeutung* é “farinha do mesmo saco”. O que é que são esses sonhos senão sonhos narrados? É no processo de sua narração que se lê o que Freud chama seu sentido. Como sustentar uma hipótese tal como aquela do inconsciente? – se não percebemos que é a maneira que o sujeito teve, se é que há um sujeito, senão dividido, por estar impregnado, se se pode dizer, pela linguagem.

Nós sabemos bem, na análise, da importância que teve para um sujeito – quero dizer esse que não era nesse momento mais do que um nada – o modo como ele foi desejado. Há pessoas que vivem sob o efeito, e isso durará muito tempo em suas vidas, sob o efeito do fato que um dos pais – eu não preciso qual – não as desejou. É mesmo assim o texto de nossa experiência cotidiana.

Os pais modelam o sujeito nessa função que intitulo simbolismo. O que quer dizer, estritamente, não que a criança seja de alguma maneira o princípio de um símbolo, mas que pela maneira como lhe foi instilado um modo de falar só pode levar a marca do modo pelo qual os pais a aceitaram. Eu sei bem que há nisso toda uma sorte de variações e de



aventuras. Mesmo uma criança não desejada pode, em nome de não sei o quê que vem de seus primeiros estremeamentos, ser melhor acolhida mais tarde. Isso não impede que alguma coisa guarde a marca do desejo que não existia antes de uma certa data.

Como até Freud se pôde desconhecer a que ponto essas pessoas a quem chamamos de homens, de mulheres, eventualmente, vivem de tagarelice. É muito curioso que pessoas que acreditam pensar, não se apercebiam que pensam com as palavras. Há coisas sobre isso que é preciso terminar, não é? A tese da escola de Würzburg, sobre a pretensa apercepção que não sei qual pensamento sintético não articularia, é verdadeiramente a mais delirante que uma escola de pretensos psicólogos produziu. É sempre com a ajuda de palavras que o homem pensa. E é na descoberta dessas palavras, com seu corpo que alguma coisa se desenha. Aliás, ousaria dizer a propósito do termo inato que, se não houvesse palavras, do que o homem poderia testemunhar? É aí que ele coloca o sentido.

Experimentei, da maneira que pude, reviver alguma coisa que não era minha, mas que já tinha sido percebida pelos velhos estóicos. Não há nenhuma razão para pensar que a filosofia tenha sido sempre a mesma coisa que ela é para nós. Naqueles tempos, a filosofia era um modo de viver – um modo de viver a respeito do qual se podia perceber, bem antes de Freud, que a linguagem, esta linguagem que não tem absolutamente existência teórica, intervenha sempre sob a forma disso que chamo por uma palavra que quis tornar tão próxima possível da palavra lalação – alíngua.

Alíngua, os antigos desde o tempo de Esopo, tinham-se muito bem apercebido como ela era absolutamente capital. Há sobre isso uma fábula bem conhecida, mas ninguém se apercebe disso. Não é absolutamente por acaso que qualquer que seja alíngua em que alguém tenha recebido a primeira marca, uma palavra seja equívoca. Não é certamente por acaso que em francês a partícula *ne*<sup>8</sup> se pronuncie de modo equívoco com a palavra *noeud* (nó). Não é absolutamente por acaso que a partícula *pas*, que em francês redobra a negação contrariamente a muitas outras línguas, designa também un *pas* (um passo). Se me interessa tanto pelo *pas*, não é por acaso. Isso não quer dizer que a língua constitua de algum modo um patrimônio. É totalmente certo que é na maneira como a língua foi falada e também ouvida por tal e tal em sua particularidade, que alguma coisa em seguida resultará em sonhos, em todos os estados de vacilações, em todas as maneiras de dizer. É, se vocês me permitem empregar pela primeira vez este termo, neste motérialisme<sup>9</sup> que reside a captura do inconsciente – eu quero dizer que o que faz com que cada um não tenha encontrado outras maneiras de sustentar o que chamei há pouco de o sintoma.

Leiam um pouco – eu estou certo de que isso não lhes acontece freqüentemente – a “Introdução à psicanálise”, as *Vorlesungen*<sup>10</sup> de Freud. Há dois capítulos sobre o sintoma. Um se chama “*Wege zur Symptom Bildung*”,<sup>11</sup> é o capítulo 23, então vocês se aperceberão de que há um capítulo 17, que se chama “*Der Sinn*”, “O sentido do sintoma”. Se Freud trouxe alguma coisa, é isso. É que os sintomas têm um sentido, e um sentido que não se interpreta corretamente – corretamente querendo dizer que o sujeito deixa um pedaço – senão em função de suas primeiras experiências, na medida em que encontra, o que hoje vou chamar, na falta de poder dizer mais ou melhor, a realidade sexual.

Freud insistiu muito sobre isso. E ele acreditou poder acentuar especialmente a expressão auto-erotismo, sendo que essa realidade sexual, a criança a descobre primeiro em seu próprio corpo. Eu me permito – isso não me acontece todos os dias – não estar de acordo – e isso em nome da obra do próprio Freud.

Se vocês estudaram atentamente o caso do pequeno Hans, vocês verão que o que aí se manifesta é o que ele chama seu *Wiwimacher*,<sup>12</sup> porque ele não sabe como chamá-lo de outro jeito, introduz-se em seu circuito. Em outras palavras, para chamar as coisas tranqüilamente por seu nome, ele teve suas primeiras ereções. O primeiro gozar se manifesta, poder-se-ia dizer, em alguém. Certamente, não só é verdade, mas confirmada, em todos. Mas é justamente aí que está a ponta do que Freud trouxe – é suficiente que seja verificado em alguns para que estejamos

<sup>8</sup> Partícula de negação em francês. N.R.T.

<sup>9</sup> Condensação de mots (palavra) e matérialisme (materialismo). N.R.T.

<sup>10</sup> Preleções na Universidade. N.R.T.

<sup>11</sup> “Caminhos para a formação do sintoma”. N.T.

<sup>12</sup> Literalmente, o faz-pipi. N.T.

<sup>13</sup> Lacan faz um jogo de palavras graças a homofonia entre Saint Thomas d'Aquin, saint homme e symptôme. Não é passível de ser ouvida em língua portuguesa. N.R.T.

no direito de construir sobre isso alguma coisa que tem a mais estreita relação com o inconsciente. Com efeito, afinal de contas, é um fato – o inconsciente. Foi Freud que o inventou. O inconsciente é uma invenção no sentido de que é uma descoberta que está ligada ao encontro que fazem com a própria ereção certos seres.

Nós chamamos isso assim, ser porque não sabemos falar de outro modo. Seria preferível dispensar a palavra ser. Algumas pessoas no passado foram sensíveis a ela. Um tal São Tomás de Aquino – ele também é santo homem, e mesmo um sintoma<sup>13</sup> – escreveu alguma coisa que se chama *De ente et essentia*. E eu não posso dizer que lhes recomendo a leitura, porque vocês não a farão, mas ele é muito astucioso. Se há alguma coisa que se chama o inconsciente, isso quer dizer que não há necessidade de saber como se o faz para fazê-lo, e para fazê-lo sabendo-o muito bem. Haverá talvez uma pessoa que lerá esse *De ente et essentia*, e que se aperceberá do que esse santo homem, este sintoma, vomita muito bem – o ser, esse não se alcança tão facilmente, nem a essência.

Não há necessidade de saber tudo isso. Só há necessidade de saber que em alguns seres, como se os chama, o encontro com sua própria ereção não é absolutamente auto-erótico. É tudo o que há de mais hétero. Eles se dizem: – Mas o que é que é isso? E eles o dizem de tal modo que este pobre pequeno Hans só pensa nisso – encarnar em objetos tudo o que há de mais externo, quer dizer no cavalo que pateia, que se joga, que se empina, que cai por terra. Esse cavalo que vai-e-vem, que tem um certo modo de deslizar ao longo das plataformas puxando uma carroça, é tudo o que há de mais exemplar para ele daquilo que tem relação consigo, e do qual ele não compreende absolutamente nada, graças ao fato, certamente, de que ele tem um certo tipo de mãe e um certo tipo de pai. Seu sintoma é a expressão, a significação dessa rejeição.

Essa rejeição não merece absolutamente ser pinçada do auto-erotismo, sob o único pretexto que, após todo esse *Wiwimacher*, ele o engancha em algum lugar abaixo de seu ventre. O gozo que resultou desse *Wiwimacher* lhe é estranho, a ponto de estar no princípio de sua fobia. Fobia quer dizer que ele tem medo. A intervenção do professor Freud mediada pelo pai é um truque, que só tem um mérito: o de ter tido êxito. Acontecerá de segurar a pequena cauda por um outro, isto é, na ocasião, sua irmãzinha.

Eu resumo aqui o caso do pequeno Hans. Eu só o introduzi porque, já que vocês são de uma ignorância total, não vejo porque eu não improvisaria hoje. Não vou me pôr a ler para vocês todas as coisas que eu preparei cuidadosamente. Vou simplesmente tentar passar alguma coisa do que aconteceu, pelo final do último século, com alguém que não era um gênio, como se diz, mas um honesto imbecil como eu.

Freud se deu conta que havia coisas das quais ninguém poderia dizer que o sujeito falante as sabia sem sabê-las. Eis aí o restante das coisas. É por isso que eu falei do significante, e de seu efeito significado. Naturalmente, com o significante, eu não esvaziei de forma alguma a questão. O significante é alguma coisa que está encarnada na linguagem. Acontece que há uma espécie que soube uivar de uma maneira tal que um som, como significante, é diferente de um outro. Olivier Flournoy me disse ter publicado um texto de Spitz. Leiam o seu *Do nascimento à fala para tentar ver, enfim, como se revela a relação com o uivo*. Há um abismo entre essa relação com o uivo e o fato que, no final, o ser humilhado, o ser húmus, o ser humano, o ser como queiram chamar – trata-se de vocês, de vocês e de mim –, que o ser humano chega a dizer alguma coisa. Não somente de poder dizê-lo, mas ainda esse cancro que defino ser a linguagem, porque não sei como chamá-lo diferentemente; esse cancro, que é a linguagem, implica desde o começo uma espécie de sensibilidade.

Eu vi em crianças muito pequenas, não sendo só os meus. O fato que uma criança diga talvez, ainda não, antes que seja capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há nela alguma coisa, um crivo que se coloca, por onde a “água” da linguagem deixa alguma coisa na passagem, alguns detritos com os quais ela vai jogar e com os quais será preciso que ela se vire. É isso que lhe deixa toda essa atividade não refletida – os restos, aos quais, mais tarde, porque é prematuro, se acrescentarão os problemas que

irão assustá-la. Graças ao que ela vai fazer, a fusão, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem.

Permitam-me expor aqui algumas equações tímidas, a propósito do que introduzi em meus Escritos como a significação do falo, o que é uma tradução muito ruim para Die Bedeutung des Phallus.

É surpreendente que a Psicanálise não tenha dado o menor estímulo à Psicologia. Freud tudo fez para isso, mas, bem-entendido, os psicólogos são surdos. Essa coisa só existe no vocabulário dos psicólogos – uma psique como tal unida a um corpo. Por que diabos, é o caso de dizer, por que diabos o homem seria duplo? Que ele tenha um corpo encerra suficientes mistérios, e Freud, habituado à Biologia, delimitou muito bem a diferenciação entre o soma e o germen. Por que diabos não limpar nosso espírito de toda essa psicologia pela falta, e não tentar soletrar o que diz respeito à Bedeutung do falo? Eu tive de traduzir por significação, na falta de poder dar um equivalente. Bedeutung é diferente de Sinn, do efeito de sentido, e designa a relação com o real. Por que, desde que a psicanálise existe, as questões não foram colocadas nesse nível? Por que é que esse pretendo ser, por que é que este gozar apareceu sobre isso que se chama Terra? Imaginamos que esse é um astro privilegiado sob o pretexto de que nele existe o homem, e de uma certa maneira, é verdade – com a única condição de que não haja outros mundos habitados.

Como é que não lhes vem ao pensamento que essa “realidade sexual”, como eu me exprimia há pouco, está especificada no homem, que não há, entre o homem macho e a fêmea, nenhuma relação instintiva? Que nada faça com que todo homem – para designar o homem pelo que lhe vai muito bem, visto que ele imagina a idéia do todo naturalmente – que nem todo homem esteja apto a satisfazer toda mulher? O que parece ser bem a regra no que se refere aos outros animais. Evidentemente, eles não satisfazem todas as fêmeas, mas trata-se somente de atitudes. O homem – visto que se pode falar de o homem, o homem – é preciso que ele se contente em sonhar com isso. É preciso que ele se contente em sonhar com isso porque ele está totalmente certo de que, não somente ele não satisfaz toda mulher, mas que A mulher – peço perdão aos membros talvez aqui presentes do

<sup>14</sup>Diz respeito ao movimento feminista: Movimento de Liberação Feminina.

M.L.F.<sup>14</sup> –, A mulher não existe. Há mulheres, mas A mulher é um sonho do homem.

Não é por nada que ele não se satisfaça a não ser com uma, e até mesmo com várias mulheres. É porque com as outras ele não tem vontade. Ele não tem vontade por quê? Porque elas não se harmonizam, se assim posso me expressar, com seu inconsciente.

Não é apenas que não exista A mulher – A mulher se define como por ser o que tenho posto em evidência bem antes e que repito para vocês – do não toda. Isso vai mais longe, e não é do homem que vem isso, contrariamente ao que crêem os membros do M.L.F., é delas mesmas. É nelas mesmas que elas são não todas. Quer dizer, elas não pretendem a generalização. Mesmo, eu o digo aí entre parênteses, a generalização falocêntrica.

Eu não disse que a mulher é um objeto para o homem. Muito pelo contrário, eu disse que era alguma coisa com a qual ele nunca sabe se virar. Em outros termos, ele nunca deixa de meter os pés pelas mãos ao abordar qualquer uma – seja porque ele se enganou, seja porque é justamente essa que lhe convinha. Mas ele se apercebe disso só-depois.

É um dos sentidos do só-depois do qual eu falei naquela oportunidade, e que foi pessimamente substituído no famoso e eterno Vocabulário da Psicanálise pelo qual Lagache comprometeu a psicanálise por inteiro. Bem, enfim, isso já não está tão mal, não exageremos. A única coisa que provavelmente interessava, era de lagachar o que eu dizia. Afinal de contas, por que não se lagacharia?

Eu não estou absolutamente certo de ter razão em tudo. Não somente não estou certo, mas tenho muito da atitude freudiana. A próxima coisa que me fará revisar todo meu sistema, e eu não exigiria mais do que concentrá-lo. Tudo o que posso dizer é que, graças sem dúvida à minha imbecilidade, isso ainda não aconteceu.

Eis aí. Agora, eu lhes deixarei a palavra.

Ficarei contente, após esta tagarelice, de saber o que vocês aproveitaram disso.

### Questões

Dr. J. L. – Para encorajar todo aquele que tiver uma pergunta a fazer, eu gostaria de lhes dizer que alguém tinha de tomar um trem, não sei para onde...

– Para Lausanne.

Dr. J. L. – Você sabe quem é?

– O Dr. Bovet.

Dr. J. L. – É um nome que não me é estranho. O Dr. Bovet me fez uma pergunta que acho muito boa, maneira de dizer. Até que ponto, me disse ele, você se leva a sério? Nada mal! e eu espero que isto vá encorajá-los. É o gênero de pergunta a que nem ligo. Continuar, a ponto de chegar aos 22 anos de meu ensino implica que eu me levo a sério. Se não respondi, é porque ele tinha de tomar um trem. Mas já respondi, portanto, a essa pergunta, implicitamente, ao identificar o sério com a série. Uma série matemática, quer seja convergente ou divergente, isso quer dizer alguma coisa. O que exponho é inteiramente dessa ordem. Tento aproximar cada vez mais, fazendo uma série convergente. Será que tenho conseguido? Naturalmente, quando se está cativado... Mas até uma série divergente tem seu interesse, a sua maneira, ela também converge – isto para as pessoas que teriam alguma idéia da matemática. Uma vez que se trata do Dr. Bovet, que se lhe transmita esta resposta.

Dr. Cramer – O senhor disse, se eu o acompanhei bem, que é a mãe que fala à criança, mas ainda é preciso que a criança a ouça. É sobre este “ainda é preciso que a criança a ouça”, que eu gostaria de lhe colocar uma pergunta.

Dr. J. L. – Sim!

– O que é que faz com que uma criança possa ouvir? O que é que faz com que a criança seja receptiva a uma ordem simbólica que a mãe lhe ensina, ou que lhe traz? Há aí alguma coisa de imanente na criancinha?

Dr. J. L. – No que eu disse, me parece que eu o implicava. O ser que chamei de humano é essencialmente um ser falante.

– É um ser que também deve poder ouvir.

Dr. J. L. – Mas o ouvir faz parte da fala. O que eu evoquei com relação ao talvez, ao ainda não, poderiam ser citados outros exemplos, prova que a ressonância da palavra é alguma coisa de constitucional. É evidente que isto está ligado à especificidade de minha experiência. A partir do momento em que alguém está em análise, prova sempre que ele ouviu. Que vocês levantem a questão de que haveria seres que não ouvem nada é certamente sugestivo, mas difícil de imaginar. Vocês me dirão que há pessoas que só podem ouvir o zunzum, quer dizer que isso zumba ao redor.

– Eu pensava nos autistas, por exemplo. Esse seria um caso em que o receptáculo não está instalado, onde o ouvir não pode se dar.

Dr. J. L. – Como o nome indica, os autistas ouvem a si mesmos. Eles ouvem muitas coisas. Isso leva normalmente à alucinação, e a alucinação tem sempre um caráter mais ou menos vocal. Todos os autistas não ouvem vozes, mas eles articulam muitas coisas, e do que eles articulam importa justamente ver de onde eles as ouviram. Você recebe autistas?

– Sim.

Dr. J. L. – Então, o que os autistas parecem para você?

– Que precisamente eles não chegam a nos ouvir, eles ficam imobilizados.

Dr. J. L. – Mas é inteiramente outra coisa. Eles não chegam a ouvir o que vocês têm para lhes dizer enquanto vocês se ocupam disso.

– Mas também que nós temos dificuldade para ouvi-los. A linguagem deles tem alguma coisa de fechada.

Dr. J. L. – É justamente isso que faz com que nós não os ouçamos. É que eles não ouvem você. Mas, enfim, certamente há alguma coisa para lhes dizer.

– Minha questão ia um pouco mais longe. Será que o simbólico – e aí eu vou empregar um curto-circuito – se aprende? Há em nós alguma coisa desde o nascimento

que faz com que se esteja preparado para o simbólico, para receber precisamente a mensagem simbólica, para integrá-la?

Dr. J. L. – Tudo o que eu disse o implicava. Trata-se de saber por que há alguma coisa no autista, ou naquele que chamamos esquizofrênico, que se congela, se se pode dizer. Mas vocês não podem dizer que ele não fala. Que vocês tenham dificuldade para ouvir, para dar o alcance ao que eles dizem, isso não impede que estes sejam antes personagens verbais.

– O senhor concebe que a linguagem não é somente verbal, mas que há uma linguagem que não é verbal? A linguagem dos gestos, por exemplo.

Dr. J. L. – É uma questão que foi levantada há algum tempo por alguém chamado Jousse, a saber, que o gesto precederia a fala. Eu creio que há alguma coisa de específico na fala. A estrutura verbal é inteiramente específica, e nós temos um testemunho no fato de que aqueles que chamamos surdos-mudos são capazes de um tipo de gesto que não é absolutamente o gesto expressivo como tal. O caso dos surdos-mudos é demonstrativo de que há uma predisposição para a linguagem, mesmo naqueles que são afetados por essa enfermidade. A palavra enfermidade me parece aí muito específica. Há o discernimento de que pode ter aí alguma coisa de significante como tal. A linguagem dos dedos não se concebe sem uma predisposição para adquirir o significante, qualquer que seja a enfermidade corporal. Eu não falei de forma nenhuma há pouco, sobre a diferença entre o significante e o signo.

O. Flournoy – Eu acho que Sr. Auber ficaria feliz se o senhor pudesse elaborar um pouco a diferença que o senhor acaba de mencionar.

Dr. J. L. – Isso nos leva bem longe, à especificidade do significante. O padrão do signo é para encontrar no ciclo da manifestação que se pode, mais ou menos, com razão, qualificar de exterior. É o não há fumaça sem fogo. Que o signo seja tomado de imediato como isso – se há fogo, é porque há alguém que o fez. Mesmo se se nota depois que a floresta está em chamas sem que haja responsável. O signo conduz sempre, imediatamente, para o sujeito e para o significante. O signo é imediatamente tomado como intencional. O que não é o significante. O significante é de imediato percebido como significante.

– Na seqüência do que se disse, o senhor trouxe frases muito belas sobre a mulher. Tais como “A mulher não existe, há mulheres. A mulher é um sonho do homem”.

Dr. J. L. – É um sonho porque ele não pode fazer melhor.

– Ou ainda: “A mulher é aquilo com o que o homem jamais sabe se virar”. Parece-me que no título de sua conferência se falava de sintoma, e eu tive a impressão, enfim, de que a mulher é o sintoma do homem.

Dr. J. L. – Eu o disse com todas as letras em meu seminário.

– Pode-se dizer reciprocamente que o homem é o sintoma da mulher? Isso significa que na menina e no menino, a mensagem que a mãe transmitirá, a mensagem simbólica, significante, será recebida da mesma coisa, porque é a mãe que a transmite, quer à menina, quer ao menino? Há uma reciprocidade ou uma diferença da qual não se escapa?

Dr. J. L. – Há certamente uma diferença que leva a isso que as mulheres compreendem muito bem, que o homem é um bicho estranho. É preciso julgar isso em nível das mulheres analistas. As mulheres analistas são as melhores. Elas são melhores do que o homem analista.

– Qual é, em definitivo, essa relação com o significante, que tem a aparência de ser alguma coisa de transexual, bissexual?

Sr. X. – As mulheres são melhores analistas, melhores em quê? Melhores como?

Dr. J. L. – É claro que elas são muito mais ativas. Não há muitos analistas que tenham testemunhado que eles compreendiam alguma coisa. As mulheres se adiantam. Basta ver Melanie Klein! As mulheres vão em frente, e elas o fazem com um sentimento bem direto para o que é o bebê no homem. Para os homens é preciso uma severa ruptura.

Sr. X. – Os homens também têm vontade de ter um bebê.

Dr. J. L. – Às vezes, eles têm vontade de dar à luz, é verdade. Às vezes, há homens que, por razões que são sempre muito precisas, se identificam com a mãe. Eles têm vontade não somente de ter um bebê, mas de estar grávidos, isto acontece comumente. Na minha

experiência analítica, eu tenho cinco ou seis casos inteiramente claros, em que chegaram a formulá-lo.

Sr. Vauthier – Como analista, o senhor teve oportunidade de se ocupar de perto com pacientes psicossomáticos graves? Qual é a posição do significante em relação a eles? Qual é sua posição com relação ao seu acesso ao simbólico? Tem-se a impressão de que eles não chegaram ao registro simbólico, ou não se sabe como ligá-lo. Eu gostaria de saber se, em sua maneira de colocar o problema, o senhor tem uma fórmula que se possa aplicar a esse tipo de pacientes.

Dr. J. L. – É certo que isso está ainda no mais inexplorado universo. Enfim, é da ordem do escrito. Em muitos casos não sabemos lê-lo. Precisaria dizer aqui alguma coisa que introduzisse a noção do escrito. Tudo se passa como se alguma coisa estivesse escrita no corpo, alguma coisa que é dada como um enigma. Não é surpreendente que tenhamos esse sentimento como analistas.

– Mas como lhes fazer falar sobre o que está escrito? Aí, me parece que há um corte.

Dr. J. L. – É inteiramente verdadeiro. Há o que os místicos chamam de a assinatura das coisas, o que há nas coisas que se pode ler. Signatura não quer dizer signum, não é? Há alguma coisa para ler diante da qual, freqüentemente, nós “boiamos”.

Sr. Nicolaïdis – Pode-se dizer talvez que o psicossomático se exprime com uma linguagem hieroglífica, ao passo que o neurótico o faz com uma linguagem alfabética?

Dr. J.L. – Mas isso é Vico.

– É-se sempre o segundo.

Dr. J. L. – Certamente sempre se é o segundo. Alguém já disse isso.

– Todavia, ele não falou de psicossomática.

Dr. J.L. – Vico? Certamente não. Mas, enfim, tomemos as coisas por esse ângulo. Sim, o corpo considerado como uma placa, como que confiando o nome próprio. Precisaria ter do hieróglifo uma idéia um pouco mais elaborada que Vico não tem. Quando ele diz hieróglifo, ele não parece ter – eu li a *Scienza nuova* – idéias muito elaboradas para sua época.

O. Flournoy – Eu gostaria que nossos colegas tomassem a palavra. Sra. Rossier. Que se engaje o diálogo intersexual.

Sra. Rossier – Eu queria dizer que assim que o senhor falou, evocando os psicossomáticos, de alguma coisa do escrito, eu compreendi gritos, o grito.<sup>15</sup> E eu me perguntei se a inscrição no corpo dos psicossomáticos não se parece mais com um grito do que com uma fala, e é por isso que temos tanta dificuldade para compreendê-los. É um grito repetitivo, mas pouco elaborado. Eu não pensaria de modo nenhum em hieróglifo, que me parece complicado demais.

<sup>15</sup> Em francês há uma homofonia entre *d'écrit* (do escrito) e *des cris* (gritos). N. R. T.

Dr. J. L. – É bastante complicado, um doente psicossomático, e isso parece mais com um hieróglifo do que com um grito.

O. Flournoy – E, no entanto, um grito é diabolicamente difícil de traduzir.

Dr. J. L. – Isso é verdade.

Sr. Vauthier – Liga-se sempre um significante a um grito, ao passo que, no psicossomático, gostaríamos muito de poder associar a ele um significante.

Dr. J. L. – Freud fala do grito em um momento. Precisaria que eu o encontrasse para vocês. Ele fala do grito, mas isso cai no vazio.

Sra. Y. – A diferença entre a palavra escrita e a palavra falada? O senhor parece pensar alguma coisa a esse respeito.

Dr. J. L. – É certo que há aí, com efeito, uma hiância surpreendente. Como é que há uma ortografia? É a coisa mais estupenda do mundo, e mais ainda que seja manifestamente por escrito que a fala faça seu esburacamento, pelo escrito e unicamente pelo escrito, o escrito do que se chama algarismos, porque não se quer falar de números. Há aí alguma coisa que é da ordem do que se colocava há pouco como questão – da ordem da imanência. O corpo no significante faz traço, e traço que é um Um. Eu traduzi o *Einzigster Zug* que Freud enuncia em seu escrito sobre identificação, por traço unário. É ao

redor do traço unário que gira toda a questão do escrito. Que o hieróglifo seja egípcio ou chinês, é a esse respeito a mesma coisa. É sempre de uma configuração do traço que se trata. Não é por nada que a numeração binária não se escreve senão com os 1 e os 0. A questão deveria se decidir em nível de qual é a espécie de gozo que se encontra na psicossomática? Se evoquei uma metáfora como aquela do gelado, é porque existe certamente essa espécie de fixação. Não é sem razão que Freud emprega o termo Fixierung – é porque o corpo se deixa escrever alguma coisa da ordem do número.

Sr. Vauthier – Há alguma coisa de paradoxal. Quando se tem a impressão que a palavra gozo retoma um sentido com um psicossomático, ele não é mais psicossomático.

Dr. J. L. – Inteiramente de acordo. É por esse viés, é pela revelação do gozo específico que ele tem em sua fixação, que é preciso sempre forçar uma abordagem do psicossomático. É nisso que se pode esperar que o inconsciente, a invenção do inconsciente, possa servir para alguma coisa. É na medida em que o que esperamos é lhe dar o sentido daquilo que se trata. O psicossomático é alguma coisa que está, de igual modo, no seu fundamento, profundamente enraizado no imaginário.

Sr. Z. – Soll Ich werden, o senhor transcreveu mais ou menos com o trabalho de “ele é pensado”. Penso no discurso do obsessivo que pensa, que repensa, que cogita, que em todo caso chega ele também ao “ele é pensado”. O “é pensado” pode ser compreendido também como dépensé (gasto), no sentido em que o dé quer dizer de alto a baixo, desmontar, desarticular, e finalmente derrubar a estátua? Pode-se ligar o dépensé (gasto) ao il est pensé (é pensado)?

Dr. J. L. – Isso tem uma enorme relação com a obsessão. O obsessivo é essencialmente alguém que é penso. É penso avaramente. É penso em circuito fechado. É penso para si sozinho. Os obsessivos me inspiraram essa fórmula. Você reconheceu muito bem a afinidade com o obsessivo, pois eu não o dissera.

Sra. Vergopoulo – Há alguma coisa que me impressionou no seminário, com relação ao tempo. O conceito é o tempo da coisa. No quadro da transferência, o senhor diz que a fala só tem valor de fala, que não há nem emoção nem projeção nem deslocamento. Devo dizer que não compreendi muito bem qual é o sentido da fala na transferência.

Dr. J. L. – Sobre o que você quer obter uma resposta? Sobre a relação do conceito com o tempo?

– Sobre a relação da fala antiga com a fala atual. Na transferência, se a interpretação mostra exatamente, é porque há uma coincidência entre a fala antiga e a fala atual.

Dr. J. L. – É preciso que de tempos em tempos eu pratique algo de tentador. Que o conceito seja o tempo é uma idéia hegeliana. Mas acontece que, em uma parte de meus Escritos, sobre o “Tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, eu destaquei a função da pressa na lógica, a saber. Não se pode permanecer em suspenso, pois é preciso, em algum momento, concluir. Eu me esforço aí para enlaçar o tempo à própria lógica. Eu distingi três tempos, mas isso está um pouco desatualizado, escrevi isso há muito tempo, logo após a guerra. Até um certo ponto, chega-se a conclusões muito cedo. Mas este muito cedo é simplesmente para evitar um muito tarde. Isso está inteiramente ligado ao fundo do fundo da lógica. A idéia do todo, do universal, já está de algum modo pré-figurado na linguagem. A recusa da universalidade é esboçada por Aristóteles, e ele a rejeita, porque a universalidade é o essencial de seu pensamento. Eu pude introduzir com uma certa verossimilhança, pois o fato de Aristóteles rejeitá-lo é o indício do caráter, afinal de contas, não necessário da lógica. O fato é que só há lógica em um ser humano.

Sr. Melo – Em sua primeira resposta, o senhor partiu da palavra sério chegando à noção de série. Eu fiquei muito impressionado de ver como nós reagimos a essa palavra série, ao alinhar uma série de doentes uns após os outros. Teve o autista, o obsessivo, o psicossomático, e houve a mulher. Isso me levou a pensar no por quê o senhor veio nos falar, e por que nós viemos para escutá-lo. Eis a minha questão: o senhor não acha que entre transferência e contratransferência há realmente uma diferença que se situa em nível do poder?

Dr. J. L. – É assim mesmo muito demonstrativo que o poder jamais repousa na força pura e simples. O poder é sempre um poder ligado à fala. Acontece que, após ter

“buzinado” esses temas por muito tempo, eu atraio muita gente com meu falatório, o qual evidentemente não teria esse poder se não fosse seriado, se não convergisse para algum lugar. É, portanto, o poder de um tipo bem particular. Não é um poder imperativo. Eu não dou ordens a ninguém. Mas toda a política repousa nisso, que todo mundo fica muito contente de ter alguém que diga Adiante, marchando – aliás, para onde não importa. O próprio princípio da idéia de progresso é que se creia no imperativo. É o que há de mais original na fala, e que eu tentei esquematizar. Vocês o encontrarão em um texto intitulado Radiofonia, e que eu proferi nem sei mais onde. Trata-se da estrutura do discurso do mestre. O discurso do mestre está caracterizado pelo fato de que em um certo lugar, há alguém que aparenta comandar. Esse caráter de aparência – De um discurso que não seria da aparência serviu de título para um de meus seminários – é sobremaneira essencial. Se houver alguém que queira se encarregar dessa função da aparência, todo mundo ficará com isso, no fim das contas, muito contente. Se alguém não aparentasse comandar, onde iríamos nós? E por um verdadeiro consentimento fundado no saber que é preciso que haja alguém que aparente, os que sabem marcham como os outros. Isso que você acaba de apreender, guardando de uma certa maneira as devidas distâncias, é o que vocês evocam de uma sombra do poder.

O. Flournoy – Ainda uma questão da série que mencionou o Dr. Melo. A propósito da psicose, o senhor introduziu o termo forclusão, que se emprega sem saber muito bem o que ele encobre. Eu me perguntei, ao lhe escutar, se no psicótico, o que é forcluído é o gozo. Mas trata-se de uma verdadeira forclusão, ou trata-se de uma aparência de forclusão? Dito de outro modo, a psicanálise pode atingir um psicótico, ou não?

Dr. J. L. – É uma questão muito bonita. Forclusão do Nome-do-Pai. Isso nos conduz a um outro estágio, o estágio onde não é somente o Nome-do-Pai, onde é também o Pai-de-Nome. Eu quero dizer que o pai é aquele que nomeia. É muito bem-evocado no Gênese, onde há toda essa comédia de Deus que diz para Adão dar um nome aos animais. Tudo se passa como se houvesse aí dois estágios. Deus é suposto saber que nomes eles têm, já que foi ele quem os criou, pelo que se supõe, e assim tudo se passa como se Deus quisesse pôr à prova o homem, e ver se ele sabe imitá-lo. Há sobre isso histórias em Joyce – Jacques Auber deve saber muito bem a que eu faço alusão, não é? Aquele que, o primeiro, dirá gôu para a gouse, dirá oua para a oua. É evidente que, no texto, tudo implica que o homem está posto em uma posição grotesca. Eu seria levado a crer que, contrariamente ao que choca muita gente, foram antes as mulheres que inventaram a linguagem. Aliás, o Gênese dá a entender isso. Com a serpente, elas falam – quer dizer com o falo. Elas falam com o falo, ainda mais na medida em que então para elas é o hétero.

Ainda que este seja um de meus sonhos, pode-se, entretanto, colocar a questão: como é que uma mulher inventou isso? Pode-se dizer que ela tem interesse nisso. Contrariamente ao que se crê, o falocentrismo é a melhor garantia da mulher. Trata-se apenas disso. A Virgem Maria com seu pé sobre a cabeça da serpente, isso quer dizer que ela se sustenta nisso. Tudo isso foi imaginado, mas de um jeito a tirar o fôlego. Pode-se dizê-lo sem a menor seriedade, pois é preciso alguém tão louco como Joyce para retomar isso.

Ele sabia muito bem que suas relações com as mulheres eram unicamente sua própria canção. Ele tentou situar o ser humano de uma maneira que só tem um mérito, o de diferir do que foi enunciado anteriormente. Mas, afinal de contas, tudo isso é reflexão, é sintoma.

A isto estou mais inclinado, quer dizer, é a dimensão humana propriamente falando. É porque eu falei de Joyce-o-sinthoma, assim, de um só traço.